

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CAMPUS SANTANA DO LIVRAMENTO
BACHARELADO RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

IGOR RICARDO PRIMO SARTORI

**O ESPORTE COMO UM INSTRUMENTO DE SOFT POWER DA POLÍTICA
EXTERNA BRASILEIRA (2007-2016)**

Santana do Livramento

2016

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados
fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

S32711e Sartori, Igor Ricardo Primo

O ESPORTE COMO UM INSTRUMENTO DE SOFT POWER
DA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA (2007-2016) /
Igor Ricardo Primo Sartori.

83 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)--
Universidade

Federal do Pampa, RELAÇÕES INTERNACIONAIS, 2016.

"Orientação: Rafael Balardim".

1. Política Externa Brasileira. 2. Esporte.
3. Diplomacia

Cultural. 4. Soft Power. I. Título.

IGOR RICARDO PRIMO SARTORI

**O ESPORTE COMO UM INSTRUMENTO DE SOFT POWER DA POLÍTICA
EXTERNA BRASILEIRA (2007-2016)**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao curso de Bacharelado em
Relações Internacionais, turno integral, da
Universidade Federal do Pampa –
UNIPAMPA, como requisito parcial à
obtenção do título Bacharel em Relações
Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Balardim

Sant'Ana do Livramento

2016

IGOR RICARDO PRIMO SARTORI

**O ESPORTE COMO UM INSTRUMENTO DE SOFT POWER NA POLÍTICA
EXTERNA BRASILEIRA (2007-2016)**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao curso de Bacharelado em
Relações Internacionais, turno integral, da
Universidade Federal do Pampa –
Unipampa, como requisito parcial à
obtenção do título Bacharel em Relações
Internacionais.

Trabalho de Conclusão de Curso avaliado e aprovado em: _/ _/ _

Professores avaliadores:

.....
Prof. Dr. Rafael Balardim

Orientador

.....
Profa. Dra. Kamilla Raquel Rizzi

.....
Profa. Dra. Nathaly Silva Xavier Schütz

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe Roselene Primo Sartori, minha avó Marly Borges Primo, meu avô Jaime da Silva Primo, meu pai Ricardo Sartori, minha irmã Fernanda Roberta Primo Sartori, meu nonno Romeu Sartori e minha nonna Ana Ayr Goegan Sartori, os quais me apoiaram, me incentivaram e me deram forças para minhas formações acadêmicas e pessoais. Dedico também este trabalho, a todos os esportistas no mundo, que a partir de sua luta buscam superar-se dia após dia, independente das circunstâncias e dificuldades que encontram em seus caminhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Prof. Dr. Rafael Balardim, que me orientou na formação e desenvolvimento deste trabalho, tal qual em outros aspectos acadêmicos de suma importância. Agradeço também aos meus colegas que me incentivaram e me fortaleceram pelo período da graduação, portanto, à minha irmã e amiga Fernanda Roberta Primo Sartori, meus amigos Guilherme Pazzini Fialho, Ibrahim Amir Dib, Victor Akira Sheguti, Rodolfo Moura Guimarães, Luan Augusto da Silva, Warley Matos e minhas amigas Rafaela Medeiros Rosa, Mariana de Sá e Giovana Campana Campani, que atualmente representam a família que pude escolher.

“I surf more now for other people than myself. I feel a lot of support from people wanting me to do well, and I feed off that. I can send a positive message to people from what I do.”

Kelly Slater

RESUMO

O presente trabalho busca apresentar o esporte primeiramente como fonte de *soft power*, desta forma, alinhando-o em sequência a acontecimentos históricos datados desde a Grécia Antiga até o século XX para uma melhor compreensão deste fenômeno. Em sequência, buscando analisar a política externa brasileira, compreender a “Década de Ouro do Esporte no Brasil (2007-2016)”, torna-se fundamental para avaliar o papel do esporte na sociedade brasileira do século XXI. Após tais análises e alinhamentos históricos, o trabalho objetiva uma ponderação dos desenvolvimentos de quatro esportes no país (futebol, basquete, vôlei e surfe), para que assim, junto do estudo das organizações internacionais que administram tais esportes, possa-se ser avaliado o rumo destas modalidades na sociedade brasileira e nos eventos esportivos internacionais.

Palavras-Chave: Soft Power; Política Externa Brasileira; Organizações Esportivas Internacionais; Futebol; Vôlei; Basquete; Surfe.

ABSTRACT

The present work seeks firstly to present the sport as source of soft power, aligning it in sequence to historical events dated since ancient Greece until the twentieth century meaning a better way to understand this phenomenon. In sequence, seeking analyses the Brazilian foreign policy, comprehends the “Golden Decade of the Sport in Brazil (2007-2011)”, becomes essential to evaluate the paper of the sport into the Brazilian society in the twenty-first century. After this analyses and historical facts, the work aims to balance the development of four kinds of sports (soccer, basketball, volleyball and surf), so that together of the comprehension of the international organizations that works with thus sports, can be analyzed the way its sports are taking inside the Brazilian society and the international sports events.

Key-words: Soft Power; Brazilian Foreign Policy; International Sports Organizations; Soccer; Volleyball; Basketball; Surf.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Quadro de medalhas Jogos Pan-Americanos 2007.....	30
Figura 2 – Quadro de medalhas Jogos Pan-Americanos 2011.....	31
Figura 3 – Quadro de medalhas Jogos Pan-Americanos 2015.....	31
Figura 4 – Desempenho do Brasil nos Jogos Mundiais Militares 1995-2011...	32
Figura 5 – Quadro de medalhas Jogos Mundiais Militares 2015.....	33
Figura 6 – Jogos grupo A Copa do Mundo 2014.....	36
Figura 7 – Quadro de medalhas Jogos Olímpicos de Verão de 2012.....	41
Figura 8 – Quadro de medalhas Jogos Olímpicos de Verão de 2016.....	41
Figura 9 – Quadro de medalhas Jogos Paralímpicos de Verão 2012.....	43
Figura 10 – Quadro de medalhas Jogos Paralímpicos de Verão 2008.....	44
Figura 11 – Quadro de medalhas Paralimpíadas 2016.....	45
Figura 12 – Rank mundial de seleções de basquete masculino.....	58
Figura 13 – Rank mundial de seleções de basquete feminino.....	59
Figura 14 – Rank mundial de seleções de vôlei masculino.....	62
Figura 15 – Rank mundial de seleções de vôlei feminino.....	63
Figura 16 – Rank masculino campeonato internacional de surfe.....	65
Figura 17 – Rank feminino campeonato internacional de surfe.....	66

LISTA DE SIGLAS

- ACM – Associação Cristã de Moços
- AFC – *Asian Football Confederation*
- CAF – *Confédération Africaine de Football*
- CBB – Confederação Brasileira de Basketball
- CBF – Confederação Brasileira de Futebol
- CBB – Confederação Brasileira de Basketball
- CBV – Confederação Brasileira de Voleibol
- CONCACAF – *Confederation of North, Central American and Caribbean Association Football*
- CONMEBOL – Confederación Sudamericana de Fútbol
- FIBA – *Fédération Internationale de Basketball*
- FIVB – *Fédération Internationale de Volleyball*
- FIFA – *Fédération Internationale de Football*
- IAAF – *International Association of Athletics Federations*
- IAHF – *International Amateur Handball Federation*
- OFC – *Oceania Football Confederation*
- UEFA – *Union of European Football Associations*

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	CONCEITO NEOLIBERAL DE PODER.....	14
2.1	Conceito de <i>soft power</i>	16
2.2	Aplicação do esporte como instrumento de <i>soft</i>	21
3	A DÉCADA DO OURO DO ESPORTE NO BRASIL (2007-16)...	28
3.1	Jogos Olímpicos de Verão.....	29
3.2	Jogos Paralímpicos de Verão.....	32
3.3	Jogos Pan-Americanos.....	34
3.4	Copa do Mundo de Futebol.....	35
3.5	Copa das Confederações.....	37
3.6	Jogos Mundiais Militares.....	38
3.7	Jogos Mundiais dos Povos Indígenas.....	43
3.8	Jogos Universitários Mundiais.....	46
3.9	Considerações da “Década do Ouro do Esporte no Brasil”.....	47
4	ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS ESPORTIVAS.....	50
4.1	Futebol.....	50
4.2	Basquete.....	56
4.3	Vôlei.....	61
4.4	Surfe.....	64
4.5	O esporte avaliado junto a diplomacia e a política doméstica.....	67
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
	BIBLIOGRAFIA.....	75

1 INTRODUÇÃO

Tendo em vista que o esporte tomou papel fundamental na sociedade brasileira, principalmente no que se relaciona a sua cultura, mas também tomando importância econômica e política, interpela-se: qual é a influência do esporte a política externa do Brasil e seu valor quanto instrumento de *soft power*?

A partir deste problema de pesquisa, o trabalho se desenvolverá através de análise bibliográfica e documental a fim de conseguir compreender em seus capítulos as vertentes dos esportes. Desta maneira, assim como será abordado no decorrer deste texto, o primeiro capítulo irá tratar acerca do esporte como *soft power*, analisando momentos históricos em que o esporte funcionou para tais fins. Em seguida, no segundo capítulo, uma análise acerca da Década do Ouro do Esporte no Brasil (2007-2016), avaliará quais os resultados esportivos do Brasil em tais eventos. Por fim, o terceiro capítulo decorrerá através da análise de organizações internacionais esportiva e seu relacionamento com o Brasil, com um adendo acerca do esporte na diplomacia brasileira e em sua política doméstica.

O presente trabalho se iniciará no capítulo um ligando o esporte frente a momentos históricos em que a sociedade foi influenciada, sendo assim, desde tempos remotos o esporte será abordado com fins de análises as sociedades em questão. Em seguida, o esporte alinha-se ao termo cunhado por Joseph Nye “soft power” a fim de melhor compreender a influência exercida no mundo no século XXI.

Sendo assim, não é exclusiva das sociedades contemporâneas a influência que o esporte exerce em seus pilares. Já datado da Grécia Antiga, o esporte conectou-se ao militarismo e a religião politeísta da época fortalecendo a supremacia espartana na região (MOSTARO, 2012, p. 96).

A ligação do esporte com a sociedade transformou os povos através dos séculos e influenciou também na formação dos Estados modernos. Desta maneira, com a ascensão da burguesia e a revolução industrial, o esporte foi utilizado como forma de transformar a sociedade da época rumo aos interesses da classe dominante, passando valores como a disciplina, hierarquia e rendimento a classe proletária (DE ROSE; SIGOLI, 2004, P. 111).

A ligação inglesa com o seu domínio sobre várias regiões, que no século XXI compõem países independentes, fez com que houvesse uma transformação social em várias localidades no mundo e levou desta forma este evento a uma escala mundial (MOSTARO, 2012, p. 97).

Já no século XX, o esporte começou a caracterizar-se mais como instrumento de soft power junto a política externa nazista. Um dos momentos mais marcantes está nas olimpíadas de Berlim de 1936, quando Hitler buscou o esporte para demonstrar superioridade da “raça ariana” frente aos demais Estados (DE ROSE; SIGOLI, 2004, p. 116).

Nye, (2004, p. 11) afirma que quando os valores culturais de um Estado são universais e quando a política ofertada por ele abrange os valores de outras culturas, o Estado passa a ter mais chances de conseguir aquilo o que deseja no sistema internacional. Desta forma, a partilha de interesses torna-se uma maneira de exercer poder frente a sociedade internacional.

Se o esporte for analisado a partir da perspectiva de Nye, por ser um movimento de ordem mundial e exercer influência social em diversos países, observa-se que este torna-se uma grande fonte de poder. Desta maneira, esportes como o futebol, que detém no mundo inteiro uma gama relevante de fãs, transforma o esporte de uma prática saudável, para uma maneira de deter soft power e transformá-lo em fonte de poder.

Em sequência ao pensamento proposto por Nye, o trabalho buscará analisar a então cunhada “Década do Ouro do Esporte no Brasil” (2007-2016), por reunir no país diversos eventos internacionais de grande relevância para a sociedade internacional.

Ofertando o Brasil no século XXI entre os anos de 2007 e 2016 seu território por diversas vezes como sede de eventos esportivos internacionais, evidencia-se a tendência esportiva do país em ter o esporte como fonte de poder diplomático e aproximar-se de países pelo meio esportivo.

Os eventos de destaque esportivo de caráter internacional deste período são os Jogos Pan-Americanos de 2007, a Copa do Mundo de Futebol de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, sendo assim, apenas os Jogos Olímpicos de

Inverno não foram realizados em solo brasileiro se levado em consideração os principais eventos deste caráter internacional.

Após estas análises acerca de eventos esportivos sediados no Brasil, o capítulo 3 analisará os esportes no Brasil, mas focará nas organizações internacionais que administram o futebol, o vôlei, o basquete e o surfe no país. Desta forma, o desenvolvimento do vôlei, basquete e surfe, questionam a regência esportiva do Futebol no Brasil e questionam a ascensão de outros esportes em um país historicamente conhecido por seu futebol.

Internacionalmente, o futebol destaca-se por ser o esporte mais praticado no mundo, mas também deve ser ressaltado pelo seu rápido desenvolvimento, tendo em 1904 a fundação de sua entidade máxima, a FIFA, e em 1930 a primeira edição de Copa do Mundo (BRASIL, 2016). No Brasil, as conquistas no esporte são relevantes e fazem da seleção brasileira a maior campeã de Copas do Mundo com cinco títulos e campeã de uma edição dos Jogos Olímpicos. Questionando a histórica posição no Futebol na sociedade brasileira, o vôlei, o basquete e o surfe transformaram-se em modalidades que veem destacando-se internacionalmente pelas conquistas brasileiras.

2 CONCEITO NEOLIBERAL

O Neoliberalismo é uma corrente de pensamento acerca das relações internacionais e seus dilemas, tendo Robert Keohane e Joseph Nye comumente conhecidos como idealizadores da teoria na década de 1970 e algumas de suas principais produções sendo *Transnational Relations and World Politics* (1971) e *Power and Interdependence: World Politics in Transition* (1977). A teoria tornou-se popular por propor uma nova abordagem ao sistema internacional e buscar entender o mundo com outros olhos, valorizando atores a partir do poder que estes possuem. Alguns dos principais pontos propostos pelo Neoliberalismo são a sua compreensão a respeito do *soft power* (poder brando), a Teoria da Paz Democrática, dentre outros pontos.

Compreender as formas nas quais o poder emana globalmente torna-se fundamental para a compreensão do sistema internacional na perspectiva neoliberal, sendo assim Nye (2004, p. 3) afirma que:

Power is like the weather. Everyone depends on it and talks about it, but few understand it. Just as farmers and meteorologists try to forecast the weather, political leaders and analysts try to describe and predict changes in power relationships. Power is also like love, easier to experience than to define or measure, but no less real for that. ¹

Portanto, o que Nye busca afirmar é que apesar do jogo de poder nos envolver em todos os momentos, compreendê-lo e prevê-lo é algo extremamente complicado e nem sempre possível, mesmo assim ele afirma que apesar de não ser fácil de interpretar ou mesmo utilizar o poder, isto não o torna menos real. Desta forma, observa-se que Nye aplica o poder como o fator que movimenta a sociedade internacional e a muda no passar do tempo.

Observando a Idade Média nota-se que o poder estava extremamente atrelado a figura do Senhor Feudal e também ao papel da Igreja Católica que fortalecia tal poder. Já na época do Renascimento, a ascensão da burguesia, torna tal classe em detentora de poder e possibilita com que novos atores

¹ “Poder é como o tempo. Todos dependem dele e falam a respeito dele, mas apenas alguns o compreendem. Somente fazendeiros e meteorologistas tentam prever o tempo, líderes políticos e analistas tentam descrever e prever mudanças nas relações de poder. Poder também é como o amor, mais simples experimentar do que caracterizar, mas não menos real por isso.” (NYE, 2004, p. 3, tradução nossa).

entrassem no jogo, visão que alterou-se no imperialismo e nas demais épocas a seguir até chegar na atualidade (século XXI). Nos dias atuais, notamos que sistemas monárquicos já não são tão comuns quanto alguns séculos atrás, notamos que o capital tornou-se cada vez mais uma fonte de poder, tal qual o voto que em diversos países pode ser exercido de maneira universal, e a outros fatores. Evidencia-se que o século XXI criou diversos pólos de poder e maneiras de emaná-lo na sociedade, sendo assim, a Igreja Católica ainda é uma fonte de poder, mas perdeu força se levado em consideração ao período da Idade Média, afinal, atualmente a religião compete com outros aspectos da sociedade internacional como fonte de poder, desta maneira empresas multinacionais, pessoas influentes, esportes e demais aspectos culturais, força midiática, dinheiro, e muitos outros aspectos passaram a emanar mais poder e influenciar nos dilemas da sociedade internacional.

Para compreender melhor a atuação neoliberal no mundo é importante avaliar a Teoria da Interdependência Complexa de Nye e Keohane (1977, p. 276), a qual afirma que:

[...] complex interdependence has three main characteristics: (1) state policy goals are not arranged in stable hierarchies, but are subject to tradeoffs; (2) the existence of multiple channels of contact among societies expands the range of policy instruments, thus limiting governments' control over foreign relations; and (3) military forces is largely irrelevant.²

Dessa maneira, nota-se que os vários canais expandem os instrumentos pelos quais os Estados irão ter contato e as formas com as quais as políticas internas e externas serão ditadas. Portanto, assim como no ponto um da citação, em que se elenca que a hierarquia não define as políticas de Estados, mas são assuntos para trocas e negociações das várias vertentes da sociedade que formam os níveis de política doméstica e diplomacia. Um caso emblemático de ligação da política doméstica com a diplomacia norte-americana fomenta o primeiro ponto da citação anterior, afinal os Estados Unidos se preparavam para uma Cúpula de Bonn, acerca do choque do petróleo, na qual os negociadores

² “[...] a Interdependência complexa possui três principais características: (1) pontos da política de Estado não são criados pela hierarquia, mas são formas de compensações; (2) a existência de diversos canais de contato das sociedades expande a quantidade de instrumentos de política, que limitam o controle dos governos sobre as suas políticas externas; e (3) forças militares são amplamente irrelevantes.” (KEOHANE; NYE, 1977, p. 276, tradução nossa).

estadunidenses convidaram suas contrapartes internacionais para que estes colocassem pressão sobre o país, fazendo assim com que a importação de petróleo fosse reduzida (PUTNAM, 2008, p. 149). Desta maneira, a política interna norte-americana foi influenciada independentemente da hierarquia política do país e um grupo de interesse na área do petróleo colocou em pauta seus interesses para o país.

Com o exemplo norte-americano anterior, afirmar que os instrumentos de poder se alteram, tais quais suas estratégias, além disso, quando ele afirma que atualmente economia e ecologia dependem de uma longa gama de elementos internacionais que não estão única e exclusivamente restritos a um único Estado, sendo assim, apenas através da cooperação o poder será balanceado no sistema internacional (NYE, 1990, p. 158).

Observar, portanto, que as relações internacionais não podem ser restritas a uma análise unicamente estatal tornou-se o cotidiano do pós-Guerra Fria e compreender a interdependência entre Estados, organizações internacionais e demais atores torna-se a maneira mais fácil de compreender um sistema aonde tudo e todos estão conectados desde a economia até as formações sociais mais diversas.

A abordagem da interdependência enfatizou a importância das organizações internacionais para criar condições favoráveis a cooperação (PERES, 2009, p. 80). Nota-se neste ponto, que a interdependência fortaleceu a influência das organizações internacionais na sociedade internacional contemporânea, sendo ponto chave para a manutenção e/ou criação da paz.

2.1 CONCEITO DE *SOFT POWER*

Trabalhar o tema de *soft power* inicia-se em sua distinção frente ao amplamente conhecido conceito de *hard power* (poder duro), afinal este é diretamente ligado a aspectos concretos de um Estado, tais quais o seu poder e desenvolvimento militar, sendo assim, compreender as divergências do *soft* para o *hard power* implica em conhecê-lo de maneira aprofundada.

O *hard power* é caracterizado como o poder coercitivo que age de maneira concreta, ou seja, o tamanho de um exército e suas capacidades tecnológicas

são tangíveis e podem ser medidos quantitativamente como o número de soldados, o número de bombas atômicas, o número de navios e assim por diante.

Já o *soft power* é um poder de cooptação que trabalha nas entrelinhas e podendo ser de uma grande diversidade de fontes. Nye (2004, p.6) caracteriza o *soft power* como:

Soft power is not merely the same as influence. After all, influence can also rest on the hard power of threats or payments. And soft power is more than just persuasion or the ability to move people by argument, though that is an important part of it. It is also the ability to attract and attraction often leads to acquiescence.³

Observa-se que Nye classificou dessa forma o *soft power* como uma habilidade de dominação e persuasão, a qual não está intrinsecamente ligada a força física, mas com a capacidade de utilização de outros métodos de convencimento. Desta maneira criando uma situação hipotética na qual existem dois atores, sendo o primeiro chamado de A e o segundo de B, na qual o ator A deseja atrair o ator B para a sua zona de influência, a utilização do *soft power* para aproximação destes dois atores é uma maneira de atração e persuasão que evita o desgaste social.

No século XXI, a difusão de ideias e valores sociais tornou-se muito mais fácil devido a globalização e a facilidade com que ideias e notícias se espalham pelo mundo através de mídias como televisão, internet e muito mais. Oliveira (2004, p. 52), afirma que tecnologias como a internet faz com que informações estejam facilmente disponíveis para todos. Deste jeito, a criação de uma imagem a respeito de atores é necessária para que a sociedade internacional o valorize, isto se justifica através da imagem que temos de atores com ideais aproximados ao das sociedades ocidentais, o que facilita uma aproximação norte-americana e europeia por exemplo através da utilização de *soft power* político, econômico e sociocultural, tais quais músicas, filmes, etc. Neste ponto nota-se que Estados

³ “*Soft power* não é meramente o mesmo que influência. Afinal, a influência também pode se encontrar sobre o *hard power* das ameaças militares ou econômicas. E *soft power* é mais do que uma persuasão ou habilidade de influenciar pessoas por argumentos, embora isto seja parte importante deste poder. É também a capacidade de atrair e atrair muitas vezes leva a aquiescência.” (Nye, 2004, p.6, tradução nossa).

que não pertencem ao mesmo núcleo de civilizações tendem a ter dificuldades de aproximação, naquilo que Huntington (1997, p.160) diz que “Os conflitos regionais substituíram o conflito global na agenda de segurança do mundo. “Ou seja, nota-se que fora do núcleo de uma civilização, a utilização de *soft power* torna-se algo mais complicado e a utilização de *hard power* é mais recorrente. No que tange a década de 1990, Huntington (1997, p. 160) afirma:

As grandes potências, como a Rússia, a China e os Estados Unidos, bem como as potências secundárias, como a Suécia e a Turquia, redefiniram seus interesses de segurança em termos explicitamente regionais. O comércio internacional dentro das regiões se expandiu mais depressa do que o comércio internacional entre as regiões, e muitos predisseram o surgimento de blocos econômicos regionais – europeu, norte-americano, asiático-oriental e talvez outros.

Neste momento compreende-se a existência de embates militares no Oriente Médio desde o início da década de 1990 com forças militares europeias e estadunidenses. Desta forma, observa-se que na questão que extravasam as regiões como na citação anterior, o *hard power* torna-se mais recorrente. Portanto, a cultura social é um fator aglutinador da sociedade civil de um Estado e na ausência desses fatores a separação pode-se tornar uma realidade regional.

No caso brasileiro, apesar das diferenças culturais extremas que tecem de norte a sul o país, na qual descendentes de europeus convivem diariamente com descendentes asiáticos, árabes, africanos, indígenas, dentre outros, é utilizado pela entidade nacional como forma de aproximação das diferenças sociais e formação de uma sociedade composta por inúmeros grupos étnicos, culturais que encontraram no território brasileiro uma nova casa para suas vidas.

Azamarray (2011, p. 17) afirma que o *soft power* cria um ambiente em que outros países possam desenvolver preferências próximas ou que até sejam capazes de convergir juntos a um mesmo objetivo. Isto enfatiza a força que o *soft power* possui como fonte de poder de convencimento. Portanto, como no caso brasileiro existe uma pluralidade social, tais objetivos e preferências podem se encontrar ou se distanciar devido aos laços criados entre imigrantes e demais comunidades.

Um importante passo para compreender o poder de convencimento que o *soft power* acarreta é compreender as suas principais fontes de poder. Sendo assim, Nye (2006) afirma que as principais fontes de *soft power* são: a cultura (em lugares em que isso é atrativo para outros), valores políticos (quando estes são praticados interna e externamente), e a política externa (quando é vista de forma legítima e com uma autoridade moral).

Os novos desdobramentos que o conceito de *soft power* trouxe para o mundo são uma nova concepção das maneiras nas quais o poder pode atuar, sendo assim Nye (1990, p. 157-158) afirma que:

While military force remains the ultimate form of power in a self-help system, the use of force has become more costly for modern great powers than it was in earlier centuries. Other instruments such as communications, organizational skills, and manipulation of interdependence have become important.⁴

Observa-se, portanto, que atualmente a utilização de recursos militares não é mais tão recorrente pois perdeu espaço para outras formas de poder, tais quais as organizações internacionais e a maneira com a qual o Estado lida com a interdependência.

Um ponto que vale ser ressaltado também é o contato entre o *hard power* com o *soft power*, tal qual é afirmado por Ouríves (2013, p. 176).

Até mesmo as forças militares exercem papel importante na construção do *soft power*. Uma invasão justificada pela deposição de um ditador, ou uma intervenção militar em um país em nome dos direitos humanos é vista como legítima e feita em nome de valores compartilhados. Ataques justificados por motivos financeiros, como a existência de petróleo no local ocupado, costumam ser condenados pelos outros Estados. O desenrolar das ações militares também influenciam. Um exército que invade outro país, e causa morte de muitos civis é repudiado. A atuação dos EUA nas guerras no Oriente Médio no início deste século demonstram como o *hard power* pode prejudicar o poder brando. Dentro dos EUA o governo perdeu popularidade devido à grande ocorrência de fogo amigo, quando soldados americanos atacam seus próprios colegas, por confundi-los com membros das tropas inimigas.

⁴ “Enquanto forças militares continuam a última forma de poder em um sistema de auto-ajuda, o uso das forças torna-se caro para os grandes poderes modernos em relação a séculos anteriores. Outros instrumentos como a comunicação, habilidades organizacionais, e manipulação da interdependência tem se tornado importantes.” (NYE, 1990, p. 157-158, tradução nossa).

Conclui-se com este exemplo que a influência do poder duro perante o *soft power* também é notável e vice-versa. Um para poder atuar e conseguir aceitação internacional depende das ações feitas no dia-a-dia que condizem com o que é dito pelo outro, sendo assim, se o poder duro norte-americano guerreia por recursos naturais afirmando em seu *soft power* que luta sobre a intenção de libertar sociedades de regimes ditatoriais, torna-se evidente que o embate ideológico entre o que se faz pelo o que se diz fazer desconstrói a aceitação internacional e questiona a atuação militar vigente.

No caso brasileiro compreender as formas na qual a atuação do *soft power* influencia a sociedade nacional é fundamental para compreender os processos do desenvolvimento das políticas internas e externas e até mesmo da sociedade brasileira. É importante ressaltar que não é apenas o governo que controla a difusão cultural e o seu *soft power*, mas empresas multinacionais e indivíduos renomados também; por exemplo a Apple para os EUA, a Ferrari para a Itália e o Pelé para o Brasil (Azamarray, 2011, p. 17-18). Com esta afirmação nota o quanto a sociedade brasileira aparenta estar ligada ao esporte e em especial ao futebol. O Brasil ligado diretamente a Pelé, que é intitulado como o maior jogador de todos os tempos afirma fortemente para o sistema internacional as raízes esportivas impregnadas na cultura local e a força com a qual ela nos influencia. Basta observar as propagandas que são exibidas na televisão, estas são por diversas vezes acompanhadas de jogadores que estão “na moda” e que possuem grande reconhecimento social, tais quais Neymar, Pelé, dentre outros.

No caso brasileiro, a força esportiva é tão grande que o MRE (Ministério das Relações Exteriores) possui uma linha política específica para tal área afirmando que o Itamaraty busca na cooperação esportiva uma ferramenta de fortalecimento diplomático que contribua na realização de eventos esportivos no país. Além disso, o Itamaraty afirma também que em 2008 criou a Coordenação-Geral de Intercâmbio e Cooperação Esportiva (Brasil, 2015).

Um ponto extremamente importante de se notar na atuação do *soft power* levantado por Azamarray (2011, p. 20):

Por causa dos efeitos difusos da atração gerada pela cultura e por políticas governamentais, é raro observar uma ação específica que tenha ocorrido por causa do *soft power*, com ele

cria-se justamente uma influência geral e não um comando de ações determinadas – ele não gera obrigações tangíveis.

Refuta-se assim a possibilidade de existir um “manual de regras” de utilização de *soft power* e aprofunda-se a ideia de que a utilização deste recurso é uma medida mais caracterizada como a longo prazo e que não busca resultados concretos em sua atuação.

2.2 APLICAÇÃO DO ESPORTE COMO INSTRUMENTO DE SOFT POWER

Durante a história da humanidade diversos foram os momentos em que o esporte influenciou os mais variados cenários sociais, desde as históricas olimpíadas gregas de cenários remotos e quase inimagináveis, passando pelos momentos mais críticos da construção da sociedade internacional, tais quais a Guerra Fria e os prelúdios da II Guerra Mundial. Isto evidencia-se quando Mostaro (2012, p. 96) afirma que:

O esporte sempre esteve presente na vida do homem e desde a época da Grécia Antiga, já tínhamos o Estado explorando os jogos para afirmação de ideias, ideologias e o culto ao corpo. Basta nos lembrarmos de Esparta, cidade-estado grega que treinava seus jovens dos 7 aos 21 anos para o serviço militar e dominou os Jogos Olímpicos Gregos, que eram realizados na cidade de Olympia nos arredores do templo de Zeus, revelando o caráter religioso do esporte.

Nesta afirmação evidencia-se a ligação grega que o esporte possuía com o culto ao corpo, a religião e a força militar espartana, afinal o treinamento militar que durava como explicitado do 7 aos 21 anos originava a redenção e vitória esportiva em um local sagrado, tal qual a proximidade com o templo de Zeus e formava ainda assim um coro militar extremamente forte e destemido na Grécia.

Segundo Salun (2012 p. 4 apud MOSTARO, 2012, p. 97), “aos poucos, no século XX, a ideia inicial de confraternização foi substituída por uma visão de espetáculo e competição.” Neste momento a difusão dos jogos olímpicos mais politizado e incentivado começou a surgir, ocasionando em uma representação mais extrema, ou seja, se antes menos pessoas praticavam esportes por não terem recompensações financeiras, quando tal incentivo começou a ser ofertado a profissionalização esportiva tornou-se mais evidente (MOSTARO, 2012, p. 97).

Na atualidade, os séculos XIX e XX foram cruciais para o desenvolvimento do esporte tal qual como é conhecido no século XXI, afinal, foram nestes séculos

que aconteceu a reinvenção das olimpíadas e a criação das Copas do Mundo em diversos esportes, neste ponto tais eventos levantaram cada vez mais o interesse dos mais variados atores internacionais (PORTELA, 2014, p. 23). Do ponto de vista estatal o que influenciou na vontade de criação de grandes eventos esportivos está diversas vezes ligado as políticas do pão e circo, porém, outros fatores alavancaram mais atores para este meio, tais quais grandes empresas que encontraram no esporte uma maneira de alavancar seus ganhos financeiros e organizações internacionais dos mais variados gêneros que desde a paz até o desenvolvimento social em regiões de pobreza encontraram no esporte uma maneira de reinventar suas agendas.

Por inúmeras vezes os eventos esportivos não foram somente utilizados como forma de aproximação, mas também como aspecto marqueteiro de maneiras governamentais, tais como a Alemanha Nazista utilizou, tal como evidenciado por Portela (2014, p. 39):

Há apenas três anos da conflagração da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o chanceler alemão, Adolf Hitler, aproveitou a oportunidade proveniente da realização deste grande evento em território alemão, para fazer propaganda do nazismo e mostrar a ascensão da Alemanha após as sanções sofridas ao fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). O maior evento esportivo internacional à época acabou por servir de instrumento de propaganda do nazismo tanto internacionalmente quanto para o seu próprio povo.

Neste caso, a Alemanha defendia a supremacia ariana, por isso demonstrar que nos esportes o país também era mais forte do que todos os outros era de suma importância como maneira de consolidação de seu poderio. Neste período, portanto, foi-se evidenciado que o futebol principalmente obteve maior margem de atuação na Europa na década de 1930 nos prelúdios dos acontecimentos que se tornariam amplamente conhecidos como II Guerra Mundial, neste momento, por diversas vezes as seleções de futebol europeias organizaram jogos amistosos como formas de fazer propagandas de seus regimes governamentais, políticos e ideológicos, além de serem maneiras de se esfriar as tensões internacionais na região e impedir uma série de eclosão de guerras (AZAMARRAY, 2011, p. 29).

Compreender que o esporte influencia a sociedade nacional, é de suma importância para entender que o mesmo é de importante relevância para o

Estado, a facilidade de controle populacional como política de pão e circo é a maneira mais famosa, mas a utilização do esporte como maneira de ressaltar o valor de sua nação é um fator que não pode ser esquecido, afinal, desta forma Hitler fundou uma forma de controle e difusão de seus ideais cada vez mais fortes e capazes de mexer com as massas sociais. Além disso, as guerras por cada medalha nos esportes olímpicos do século XXI, também enfatizam as desavenças e competições entre Estados por reconhecimento de supremacia internacional e força social.

A força futebolística na Alemanha de Hitler pode ser cada vez mais fundamentada analisando que (AZAMARRAY, 2011, p. 29):

Há apenas três anos da conflagração da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o chanceler alemão, Adolf Hitler, aproveitou a oportunidade proveniente da realização deste grande evento em território alemão, para fazer propaganda do nazismo e mostrar a ascensão da Alemanha após as sanções sofridas ao fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). O maior evento esportivo internacional à época acabou por servir de instrumento de propaganda do nazismo tanto internacionalmente quanto para o seu próprio povo.

Claramente Hitler organizava os Jogos Olímpicos de Verão de 1936 como auge de demonstração de força social. Naquele momento trazer cada vez mais adeptos à causa nazista era algo extremamente necessário, tendo em vista o “ponto de ebulição” para o qual a Europa se encaminhava. Entender portanto que a Segunda Guerra Mundial marcou a humanidade devido ao estilo político que dominava a Alemanha e enfrentava as demais potências é primordial, porém, compreender que os acontecimentos chegaram ao ponto em que chegaram após muita politicagem, briga diplomática, fatos sociais para tentar sobressair-se dos demais Estados, torna o evento maior do que o esperado, afinal, não podemos compreender a guerra apenas pelos anos de batalhas armadas, mas também pelos precedentes que encaminharam a Europa e o mundo para esta situação torna-se única e exclusivamente essencial para compreender o fenômeno social vigente.

Se remontarmos a séculos e até milênios anteriores, notamos como citado anteriormente que o esporte já era utilizado como trunfo militar, político e religioso na Grécia e que ao longo do tempo outras civilizações o utilizaram para seus trunfos sociais. A Cultura Romana realizava jogos religiosos nos grandes

circos e anfiteatros nos dias de festas sagradas e nos feriados. Esses jogos eram oferecidos pelos governantes romanos ao povo e serviam para aliviar as tensões sociais (DE ROSE JR; SIGOLI, 2004, p. 113). Para os governantes nada aparentava melhor do que ser capaz de acalmar as revoltas sociais, afinal, limitar seus esforços a controlar os esportes e seus participantes, tendo como consequência controlar as massas sociais, era fácil e simples se relativizado com ceder mesas de conversas para responder aos desenvolvimentos sociais que a população clamava e exigia.

Outro momento em que os esportes foram utilizados como maneira de controle social, afinal, foi no contexto da revolução industrial em que os esportes começaram a serem utilizados como uma forma de disciplinar a sociedade que abandonava o campo inglês e migrava para os centros urbanos britânicos. Dessa forma (DE ROSE JR; SIGOLI, 2004, p. 118):

A instrumentalização do esporte seguiu uma tendência paralela ao desenvolvimento histórico da sociedade mundial. Foi utilizado pela burguesia como elemento disciplinador, higienista e alienador no berço da revolução Industrial, procedente do capitalismo.

A próxima revolução que o esporte proporcionou na sociedade teve um foco no jornalismo. No século XIX, tendo em vista as grandes multidões que o esporte arrastava aos estádios, o jornalismo que antes apresentava rápidas informações a respeito do esporte, tais quais apenas resultados de jogos de maneira ríspida e direta, passou a abranger colunas especializadas, comentaristas e transformou cada vez mais o esporte em um espetáculo social (DE ROSE JR; SIGOLI, 2004, p. 115).

Contudo, não era somente no contexto europeu que o esporte detinha influência e, portanto, começou sua atuação também em outros locais do mundo, “Em 1930, no Uruguai, a primeira Copa do Mundo contou com 13 participantes, na Itália, em 1934, com 16 países: nas Olimpíadas de 1936 [...] No Uruguai, apenas a França participara entre as grandes potências europeias [...]” (AZAMARRAY, 2011, p. 27). Compreender que no início da Copa do Mundo de futebol apenas 13 países participaram e que já em sua segunda edição o número entrou para 16 países é fundamental, naquele momento, as Olimpíadas detinham maior valor e, assim, era capaz de trazer um maior número de Estados

para participar. Atualmente, em 2016, a situação é de maior igualdade em relação a participação global, afinal a Copa do Mundo reúne 32 países por edição, porém, 205 seleções lutam diretamente por um espaço dentre as 32 principais seleções no mundo nas eliminatórias regionais que são realizadas durante o hiato entre as edições. Já os Jogos Olímpicos contaram em 2016 com mais de 200 delegações, sendo importante observar que uma delegação era para atletas apátridas e outra delegação para atletas refugiados.

No Brasil, o esporte possui o papel de instrumento de *soft power* tal qual outros Estados utilizam outros instrumentos, sendo assim Garcia (2015, pág. 23) relaciona o esporte com outros instrumentos deste poder utilizados no mundo.

Assim como Hollywood, nos EUA, influencia o mundo através de suas produções, a Itália e a França ditam costumes de moda e gastronomia, os monumentos históricos e a arte na Grécia atraem turistas de todos os lugares do globo, o Brasil influencia e exerce *soft power* além de sua particular cultura festiva e diversificada, através do esporte, sendo o futebol e a Seleção Brasileira um dos maiores símbolos do país.

Cada sociedade utiliza, portanto, como fonte de *soft power* aquilo que a fortalece culturalmente. Tornou-se natural no Brasil assistir as mais variadas produções dos famosos estúdios de *Hollywood* cotidianamente, sendo assim, estas produções são uma forma de introduzir pensamentos norte-americanos na sociedade brasileira e em outras no mundo. Durante o período da Guerra Fria, diversos foram os roteiros que conectavam as frentes de batalha com o mundo capitalista e passavam os ideais políticos estadunidenses para diversos países.

Vale lembrar no contexto de *soft power*, o valor cultural que pontos turísticos da Itália possuem e a fortalecem no que tange ao antigo Império Romano, nesse aspecto, pontos como o Coliseu são fortes fontes de propaganda internacional. O mesmo vale como citado anteriormente por Garcia as estruturas na Grécia da antiga civilização grega, mas que também funcionam em outras partes do mundo, tais quais Machu Picchu no Peru, a cultura e os monumentos das culturas Polinésias, Melanésias, e da Australásia, dentre outras no Oceano Pacífico, a cultura japonesa, chinesa, sul-coreana, mongol e muitas outras, que funcionam como mecanismos de propagandas culturais ao redor do mundo. Portanto, vale enfatizar que o *soft power* não é um aspecto restrito a poucas sociedades, mas que na verdade, ele pode ser de utilização das mais variadas

culturas e Estados que saibam valorizar aspectos específicos de suas formações sociais, culturais e religiosas. Restringir o *soft power* a um pequeno grupo de fatores, torna-se impossível também, afinal, neste subcapítulo o relacionamento do *soft power* com diversos aspectos já foi abordado, desde a cultura social, religiosa até a pontos em que o poder duro conectou-se como fonte de seu oposto, portanto, vale enfatizar que o *soft power* se conecta diretamente com a utilização de pretextos marqueteiros que sejam capazes de divulgar ideias para as mais variadas nações.

No final do século XX, os Jogos Olímpicos de Los Angeles, tornaram o esporte uma forte fonte de marketing, fortalecendo seu valor financeiro, o que trouxe diversos olhos do mundo para este acontecimento (SIGOLI; DE ROSE JR., 2004, p. 118):

Os Jogos Olímpicos de Los Angeles marcaram a entrada do Esporte na economia mundial. O Comitê Olímpico Internacional vendeu, pela primeira vez, o evento à iniciativa privada por meio de contratos de patrocínio. No entanto, o grande fluxo de capital recebido pelo esporte só foi possível graças à crescente valorização esportiva na mídia. Devido ao grande poder de audiência do esporte, os patrocinadores surgiram em grande número e a mercantilização do Esporte gerou um lucro inédito aos organizadores dos Jogos Olímpicos.

Através dos milênios o esporte foi relacionado com os mais variados aspectos, na Grécia Antiga, a guerra e a religião foram conectados ao esporte, no Império Romano, foi a vez das políticas de Pão e Circo se entrelaçarem, na Grã-Bretanha em processo de Revolução Industrial, foi a vez da imposição de disciplina e ordem social ao recém formado proletariado, na Alemanha Nazista, o marketing do ideal político, que foi seguido pelos EUA e pela URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) durante a Guerra Fria, sendo nesse mesmo contexto que a mídia concentrou seu capital no esporte e popularizou cada vez mais os valores defendidos por cada atleta nos Jogos Olímpicos de Verão.

Considera-se, portanto, que politicamente os jogos esportivos sempre foram de grande valor para demonstração de força. Durante o contexto da Guerra Fria, diversos países do bloco socialista boicotaram os Jogos Olímpicos de Verão de 1984, a fim de demonstrar força política devido as disputas ideológicas e, portanto, chegaram até mesmo a organizar os Jogos da Amizade. Vale lembrar que este boicote foi uma forma de protesto ao boicote capitalista

nos Jogos Olímpicos de Moscou em 1980, no qual protestavam a invasão do Afeganistão. Ignorando de certa forma o embate político Washington-Moscow, é interessante prestar atenção no caso do Irã, afinal, este país boicotou tanto os jogos de Los Angeles em 1984, quanto os de Moscow em 1980, no caso dos jogos que foram realizados nos Estados Unidos, a alegação de protestar contra o apoio dos EUA ao Estado de Israel foi utilizada e assim, por mais uma edição o Irã buscou protestar contra os dois grandes Estados da época. Um aspecto que pode se fortalecer nesse instante, foi a avaliação dos Estados amigos, ou seja, anunciar um boicote é simples, mas causar o maior estrago possível é necessário, sendo assim, quando os EUA boicotaram a URSS, diversos países seguiram a atitude diplomática norte-americana que pautava indiretamente também as políticas externas de mais de sessenta países. Já quando a URSS boicotou Los Angeles, países do bloco socialista imediatamente apoiaram o movimento, valendo ressaltar o boicote irônico do Afeganistão que se encontrava ocupado por tropas socialistas e de Estados como a Mongólia, segundo país socialista no mundo que alinhava-se desde a década de 1920 (quando houve a ascensão socialista) a URSS, Cuba, que mostrava a força socialista nas américas e muitos outros.

3 A DÉCADA DO OURO DO ESPORTE NO BRASIL (2007-16)

O Brasil é um país reconhecido internacionalmente pelas conquistas de seu futebol frente às competições internacionais disputadas e pelos mais famosos jogadores que foram apresentados ao mundo, porém, algo parece estar mudando, a imagem do esporte no país está começando a não ser pautada somente no futebol. A ascensão de outros esportes e conquistas esportivas abre um questionamento a respeito dos valores do esporte para o Brasil no século XXI, fazendo com que desta maneira o Brasil busque diferenciar-se esportivamente e fortalecer com vários esportes seu mecanismo de cooperação esportiva.

Uma das maneiras na qual o Brasil encontrou para mudar o seu histórico esportivo foi através de sediando eventos de internacionais e o mundo esportivo para um país sul-americano de uma maneira jamais vista. Desta forma, o país transformou-se palco dos principais eventos internacionais relacionados ao esporte, assim como o Itamaraty (BRASIL, 2015) afirma:

Brasil vive sua “Década do Esporte”, durante a qual já sediou os Jogos Mundiais Militares (2011), a Copa das Confederações (2013), a Copa do Mundo (2014) e os Jogos Mundiais dos Povos Indígenas (2015) – e em que ainda sediará os Jogos Olímpicos e Paralímpicos (2016) e os Jogos Universitários Mundiais (2019).

Inicialmente, vale ressaltar que a “Década do Esporte” é um termo cunhado para o período de eventos esportivos que foram realizados na década de 2010, já o termo “A Década do Ouro do Esporte no Brasil”, refere-se ao período iniciado pelos Jogos Pan-Americanos em 2007 e finalizados com os Jogos Olímpicos de 2016.

Apesar da posição esportiva estar sendo questionada neste trabalho, o futebol ainda assim possui um grande destaque e trouxe dois eventos internacionais relacionados diretamente a modalidade, primeiramente a Copa das Confederações em 2013 e a Copa do Mundo em 2014, ambos serão discutidos especificamente mais a diante.

Independentemente dos eventos futebolísticos, o Brasil inovou e buscou em eventos esportivos de cunho tanto inovador quanto tradicional, desta forma sediou inovadoramente os Jogos Mundiais Militares em 2011, os Jogos

Universitários Mundiais em 2019 e os Jogos Mundiais dos Povos Indígenas em 2015, e de maneira mais tradicional os Jogos Pan-Americanos de 2007 e os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Verão em 2016.

Devido ao caráter da pesquisa que se seguirá posteriormente, os Jogos Universitários Mundiais não serão analisados profundamente devido ao distanciamento dos demais eventos e não passar apenas de uma previsibilidade de resultados futuros. Além disso, este evento tornou-se um acontecimento apenas próximo da “Década do Ouro do Esporte no Brasil”, que busca em eventos maiores, assimilar resultados da diplomacia esportiva brasileira.

Notar o respectivo valor de medalhas e desenvolvimento esportivo no Brasil parece intangível, mas quando analisado o resultado internacional que vem sendo obtido, torna-se mais concreto o interesse brasileiro, sendo assim, o Itamaraty (BRASIL, 2015) afirma que os esportes são “instrumentos de promoção de paz e cooperação – que utilizam e reforçam o soft power brasileiro. O Brasil já assinou memorandos de cooperação esportiva com mais de 70 países – e a demanda por este tipo de acordo tem aumentado.” Desta forma, evidencia-se que a demanda internacional por parcerias esportivas aproxima Estados em âmbito bilateral e multilateral.

É de suma importância avaliar a repercussão do esporte em entidades de caráter internacional como a Organização das Nações Unidas (ONU), que através de quatro resoluções trouxe ao diálogo esportivo maior força e impacto internacional, desta forma, as resoluções A/RES/66/5, A/RES/68/9, A/RES/67/77 e A/RES/65/4 fortaleceram o diálogo esportivo dentro da ONU.

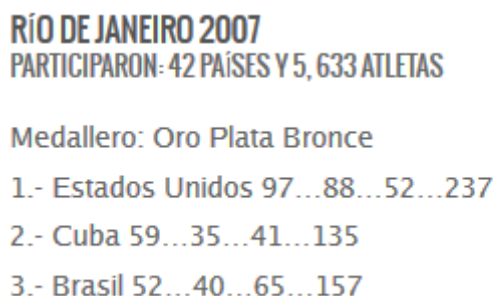
Em sequência serão discutidos os resultados esportivos dos eventos da “Década do Ouro do Esporte no Brasil” individualmente para que melhores conclusões possam ser obtidas.

3.1 JOGOS PAN-AMERICANOS

No âmbito regional, os Jogos Pan-Americanos são organizados para os Estados do continente americano, portanto, conta com a participação de países da América Central, do Norte e do Sul. Estes Jogos são importantes para a análise, por ter sido o evento que abriu a década do ouro do esporte no Brasil e

por ser um evento na qual a força brasileira encontra-se entre uma das principais da competição, assim como mostrado na tabela a seguir, referente aos jogos que ocorreram no ano de 2007, na cidade do Rio de Janeiro:

Figura 1 – Quadro de medalhas Jogos Pan-Americanos 2007



RÍO DE JANEIRO 2007
PARTICIPARON: 42 PAÍSES Y 5,633 ATLETAS

Medallero: Oro Plata Bronce

1.- Estados Unidos 97...88...52...237
2.- Cuba 59...35...41...135
3.- Brasil 52...40...65...157

Fonte: ODEPA (ORGANIZACIÓN DEPORTIVA PANAMERICANA, 2016)

Assim como ocorre nos Jogos Olímpicos, o principal país vencedor de medalhas é os Estados Unidos, que nesta edição obteve um total de duzentas e trinta e sete medalhas, sendo noventa e sete delas de ouro, oitenta e oito de prata e cinquenta e duas de bronze. Logo em seguida veio Cuba com cento e trinta e cinco medalhas, cinquenta e nove de ouro, trinta e cinco medalhas de prata e quarenta e uma de bronze. Em terceiro lugar, o Brasil fechou a competição angariando cento e cinquenta e sete medalhas, cinquenta e duas de ouro, quarenta de prata e sessenta e cinco de bronze.

Como evento de abertura de uma década tão importante para a diplomacia tangir tanto o nível externo da diplomacia, quanto o nível da política nacional, vale ressaltar que os ganhos deste evento não são exclusivos da a política externa brasileira, mas também para o cotidiano brasileiro, principalmente o vivenciado na cidade do Rio de Janeiro, que por ter sido sede oficial do evento entrelaçou-se de maneira mais profunda com o continente americano e todos os povos representados na ocasião.

Primeiramente, para melhor compreensão do desenvolvimento dos resultados do esporte, a classificação geral dos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro será comparada ao resultado da edição de Guadalajara. Sendo assim, a seguir a tabela de classificação do evento de 2011:

Figura 2 - Quadro de medalhas Jogos Pan-Americanos 2011

GUADALAJARA 2011
PARTICIPARON: 42 PAÍSES Y 6, 003 ATLETAS

Medallero: Oro Plata Bronce

1.- Estados Unidos 92...79...65...236

2.- Cuba 58...35...43...136











3.- Brasil 48...35...58...141

Fonte: ODEPA (ORGANIZACIÓN DEPORTIVA PANAMERICANA, 2016)

Na edição de 2011, os Estados Unidos alcançaram novamente o primeiro lugar no quadro geral de medalhas, seguidos em segundo lugar por Cuba. O Brasil terminou em terceiro lugar e obteve cento e quarenta e uma medalhas, dessas, quarenta e oito de ouro, trinta e cinco de prata e cinquenta e oito de bronze. Ficou evidente que a realização do evento em 2011 em solo brasileiro trouxe um melhor resultado ao Brasil, afinal, neste momento aspectos como o nacionalismo, a torcida e as emoções podem fortalecer o atleta, portanto, em 2011 o país atingiu uma marca histórica e mostrou força frente aos demais países americanos.

Já em relação a edição de 2015 realizada em Toronto, no Canadá, o Brasil obteve um desempenho parecido ao ano de 2011, conquistando assim um total de cento e quarenta e uma medalhas, quarenta e uma de ouro, quarenta de prata e sessenta de bronze, como pode ser evidenciado na tabela a seguir:

Figura 3 - Quadro de medalhas Jogos Pan-Americanos 2015

Rank	Country	G	S	B	Total
1	 United States	103	81	81	265
2	 Canada	78	69	70	217
3	 Brazil	41	40	60	141
4	 Cuba	36	27	34	97
5	 Colombia	27	14	31	72
6	 Mexico	22	30	43	95
7	 Argentina	15	29	31	75
8	 Venezuela	8	22	20	50
9	 Ecuador	7	9	16	32
10	 Guatemala	6	1	3	10

Fonte: TORONTO 2015 (2016)

Nesta edição, vale enfatizar a participação do Canadá, que terminou em segundo colocado na classificação geral e assim como o Brasil, quando teve em 2015 uma edição dos jogos em seu território, obteve um aumento significativo em suas conquistas. Sendo assim, o país passou do quarto lugar em 2007, para o quinto lugar em 2011 e enfim para o segundo lugar em 2015. Já o Brasil, apesar de variar na quantidade de medalhas conquistadas, nas três edições, Rio de Janeiro, Guadalajara e Toronto, terminou o quadro geral de medalhas em terceiro lugar, o que o consagra historicamente como a terceira potência esportiva americana em Jogos Pan-Americanos e um país a se ser observável em nível mundial para muitos esportes e/ou eventos.

3.2 JOGOS MUNDIAIS MILITARES

A edição de 2011 dos Jogos Mundiais Militares teve o Brasil como sede, mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro. A edição contou com a participação de cerca de quatro mil e duzentos atletas de cento e quatorze países diferentes. O evento é organizado de quatro em quatro anos pelo CISM (Conselho Internacional de Esportes Militares) e ocorreu em sequência no ano de 2015 na Coreia do Sul (BRASIL, Ministério da Defesa, 2014).

O desenvolvimento do Brasil neste evento é claro, assim como pode ser evidenciado na tabela a seguir com os resultados participação do país deste 1995:

Figura 4 – Desempenho do Brasil nos Jogos Mundiais Militares 1995-2011



Fonte: Ministério da Defesa (BRASIL, 2016)

O desenvolvimento da delegação brasileira é claro, em 1995 terminou a participação na edição de Roma na trigésima sexta colocação, mas após aproximadamente vinte e cinco anos conseguiu sua melhor colocação na história do evento terminando na primeira colocação.

Para comparação ao evento de 2011, a seguir encontra-se a tabela final dos Jogos Mundiais Militares de 2015:

Figura 5 – Quadro de medalhas Jogos Mundiais Militares 2015



Fonte: BRASIL (Portal Brasil, 2016)

Na edição demonstrada pela tabela acima e realizada na Coreia do Sul, o Brasil perdeu uma posição no quadro geral de medalhas ficando em segundo lugar, mesmo assim, conquistou oitenta e quatro medalhas, trinta e quatro de ouro, vinte e seis de prata e vinte e quatro de bronze, vale ressaltar que neste ano a China obteve mais medalhas do que o Brasil, porém pelo fato do Brasil ter obtido mais medalhas de ouro terminou melhor classificado. Já o primeiro lugar ficou com a delegação russa, que conquistou cento e trinta e cinco medalhas no total.

Um fato interessante liga diretamente os Jogos Mundiais Militares aos Jogos Olímpicos, o qual é enaltecido pelo Ministério da Defesa (BRASIL, 2015.), or os jogos militares servirem “de preparação para a delegação brasileira, que espera ter pelo menos 100 atletas militares nas Olimpíadas do Rio, em 2016.” Vale lembrar que o Brasil enviou quatrocentos e sessenta e cinco representantes para os jogos de 2016, rapidamente se comparado com os cem atletas militares previstos em 2015, isto representa aproximadamente vinte e um por cento da

delegação brasileira. Evidencia-se, portanto, que as iniciativas esportistas têm grande representação no meio militar, afinal, boa parte da delegação olímpica, ou seja, os melhores esportistas de um país têm origem militar.

Como discutido no capítulo um deste trabalho, existem momentos em que o *hard power* torna-se uma fonte de *soft power* e nada torna-se mais concreto como exemplo do que uma competição na qual delegações de caráter exclusivo militar, na qual a busca por enaltecer o sentimento e a força nacionalista são apresentados aos demais países competidores.

3.3 COPA DAS CONFEDERAÇÕES

A Copa das Confederações teve início na Arábia Saudita no ano de 1992 com o nome de Copa Rei Fahd, em alusão ao rei de mesmo nome que governou a Arábia Saudita entre 1982 e 2005, e foi sede do evento nas duas seguintes edições em 1995 e 1997. O evento passou a ser disputado um ano antes da edição da Copa do Mundo apenas em 2001, no Japão e na Coreia do Sul, passando a servir como evento teste para a Copa do Mundo subsequente (BRASIL, s.d.).

O Brasil atualmente é o maior vencedor do torneio com quatro conquistas do título, a mais recente foi na edição de 2013 realizada no Brasil. O país é também o atual tricampeão do torneio por ter vencido em 2009 na África do Sul e em 2005 na Alemanha, além de ter conquistado o torneio também em 1997 na Arábia Saudita (idem, s.d.).

O torneio é conhecido por ser uma possibilidade de equipes menores participarem de um evento internacional de futebol. As equipes participantes são a equipe anfitriã, o último campeão da Copa do Mundo, o campeão da Copa da Ásia de Futebol e representante da AFC (*The Asian Football Confederation*), o campeão da Copa América e representante da CONMEBOL (*Confederación Sudamericana de Fútbol*), o campeão da Copa Ouro da CONCACAF (*Confederation of North, Central American and Caribbean Association Football*), o campeão da Copa das Nações da OFC (*Oceania Football Confederation*), o campeão do Campeonato Europeu e representante da UEFA (*Union of*

European Football Associations) e o campeão da Copa das Nações Africanas e representante da CAF (*Confédération Africaine de Football*).

Em 2013 as nações que participaram do evento naquele ano foram o Brasil como país sede da Copa do Mundo (2014), a Espanha como campeã da Copa do Mundo de 2010 e da Eurocopa de 2012, o Japão como campeão da Copa Ásia de 2011, o México como campeão da Copa Ouro de 2011, o Uruguai como campeão da Copa América de 2011, a Nigéria como campeã do Campeonato Africano de Nações em 2013, o Taiti como campeão da Copa das Nações da OFC de 2012 e por fim, para o segundo lugar da Eurocopa de 2012, a Itália.

O resultado final desta edição foi extremamente favorável ao Brasil, a seleção terminou na primeira colocação, conquistando a final por três a zero sobre a seleção espanhola. Na época, este acontecimento serviu de incentivo a seleção brasileira pois a Espanha era a então campeã da Copa do Mundo. Este acontecimento acabou apenas frustrando as expectativas restantes que a seleção brasileira aspirava para a Copa do Mundo no ano seguinte.

3.4 COPA DO MUNDO DE FUTEBOL

O Brasil é historicamente o maior vencedor da Copa do Mundo de futebol e também é o único país no mundo em que enviou seleções a todas as edições dos jogos, os quais foram realizados pela primeira vez no ano de 1930, no Uruguai. O evento já contou com vinte edições, sendo que apenas no período da II Guerra Mundial e pós-Guerra não houveram edições.

O Brasil sediou pela primeira vez este evento no ano de 1950, no qual se frustrou e não conseguiu vencer a competição, que por sua vez teve o vizinho Uruguai como vencedor da edição.

Foi apenas em 1958 na edição da Suécia que o Brasil conquistou a competição pela primeira vez e iniciou a trajetória vencedora no evento. As demais conquistas que o Brasil obteve nesta competição foram em 1962, no Chile, 1970, no México, 1994, nos Estados Unidos e 2002 na edição do Japão e Coréia do Sul.

Na edição de 2002 vale ser ressaltado que pela primeira vez na história do evento, uma Copa do Mundo de futebol masculino foi realizado em dois países através da integração pela diplomacia esportiva.

Foi apenas em 2014, que uma edição da Copa do Mundo foi disputada no Brasil novamente após a edição de 1958. Sendo assim, esta edição foi organizada junto aos demais eventos da intitulada “Década do Ouro do Esporte no Brasil”.

Analisando o evento de 2014, o grupo em que o Brasil caiu, não possuía nenhum grande adversário diretamente, desta maneira, apenas países de expressão mediana estavam disputando as duas vagas com o Brasil na próxima fase. Portanto, o grupo do Brasil era composto por México, Croácia e Camarões, como podem ser observado na tabela a seguir:

Figura 6 – Jogos grupo A Copa do Mundo 2014



Fonte: BRASIL (2016)

Os resultados brasileiros foram um tanto quanto positivos nesta fase, obtendo Brasil quatro, Camarões um, Brasil zero, México zero e Brasil três, Croácia um. Na fase seguinte uma seleção mais tradicional e de grande peso na região da América do Sul, era a hora de enfrentar o Chile, o resultado final foi Brasil um, Chile também um, porém na decisão de pênaltis, o Brasil obteve uma vitória por três a dois. Logo nas quartas de final o Brasil teve outro país latino como adversário, desta vez foi a vez da Colômbia, mais uma vez o Brasil venceu o jogo por três a um.

Em sequência pela primeira vez nesta edição da Copa do Mundo, o Brasil teria de enfrentar um país tradicional no esporte que acumulava naquele momento três títulos do torneio, foi então que frente a toda a pressão um dos resultados mais negativos da história do futebol brasileiro ocorreu, a Alemanha derrotou o Brasil por sete a um, o que embalado por uma campanha desacreditada trouxe um dos momentos mais baixos das últimas décadas deste esporte no Brasil e afetou diretamente no nacionalismo brasileiro, afinal, dentro de nosso próprio território o Brasil sofreu um grotesca derrota que o tirou da busca pelo título.

Para encerrar a participação brasileira nesta edição outro resultado negativo frente a um time temido e também europeu, desta vez a Holanda encerrou sua participação na Copa do Mundo derrotando o Brasil por três a zero. O resultado final da edição teve Alemanha como campeã, Argentina como vice-campeã, Holanda na terceira colocação e por fim, na quarta colocação a seleção brasileira.

O saldo total deste evento foi extremamente negativo. Pelo histórico esportivo brasileiro, este evento deveria encabeçar a década esportiva e não necessariamente deveria terminar com uma conquista brasileira, mas com um resultado positivo de uma seleção que fortaleceria o sentimento nacionalista. Ao invés disso, heróis do esporte como Pelé e Ronaldo, ficaram conhecidos por gafes a respeito da situação interna brasileira, somados aos protestos por melhorias a aspectos como saúde e segurança pública encabeçados pela sociedade e que tinham o lema “Não vai ter copa”, para aumentar o fiasco, a seleção brasileira fracassou e deixou como legado do evento uma humilhação ao momento mais nacionalista do país para que todo o país pudesse ver.

3.5 JOGOS MUNDIAIS DOS POVOS INDÍGENAS

Os Jogos Mundiais dos Povos Indígenas (JMPI) foram realizados no Brasil no ano de 2015, o qual foi a sua primeira edição realizada. Obteve uma participação de mais de dois mil atletas de vinte e quatro países diferentes. Por serem de caráter integracionistas, não possuem um quadro de medalhas e o que prevalece são o sentimento de respeito as mais diversas etnias participantes.

Por integração indígena em nível mundial e etnias regionais, o Brasil se uniu a diversos países do mundo para que fossem possíveis a maior catalisação de povos deste caráter no mundo e uma maior integração deles com a sociedade brasileira, assim como explanado a seguir (BRASIL Portal Brasil, 2015):

Além dos indígenas das Américas, também estarão presentes povos da Nova Zelândia, Congo, Mongólia, Rússia e Filipinas. Do Brasil, cerca de 23 etnias devem participar da competição. Nos primeiros três dias de evento, todas as etnias brasileiras e estrangeiras participarão de atividades como passeios pelos pontos turísticos de Palmas, como forma de ambientação e integração.

Este tipo de evento de caráter inovador demonstra que o Brasil buscou não somente entre esportes típicos da população majoritária acrescentar na “Década do Ouro do Esporte no Brasil”, mas também inovar com eventos como o JMPI, que demonstram que estes povos não estão completamente esquecidos pelos países ao redor do mundo, afinal, vinte e quatro delegações uniram-se e realizaram um evento que vai além da diplomacia cultural, mas também da formação social e histórica de cada país.

3.6 JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO

Tendo em vista que a cultura se alinha perfeitamente como uma fonte de *soft power*, o esporte não fica atrás e torna-se no Brasil poderoso devido a força cultural que possui, especialmente no futebol. Na atualidade, o Brasil se tornou palco de grandes eventos esportivos, entre 2007 e 2016, período conhecido como Década do Ouro do Esporte no Brasil, que sediou em 2007 os Jogos Pan-Americanos, em 2013 a Copa das Confederações de futebol, em 2014 a Copa do Mundo de futebol e em 2016 os Jogos Olímpicos de Verão. Algo que fortalece tal hipótese é o discurso da então presidente Dilma Rousseff (2016), a qual afirma que os Jogos Olímpicos são uma construção coletiva e que a cerimônia de recepção da tocha olímpica seria a abertura para a união de todos os cantos brasileiros e de todos os povos americanos. Outro ponto forte de seu discurso está presente ao afirmar que os povos americanos vivem em paz há mais de cem anos, compartilhando o respeito mútuo, portanto, ter este ponto presente em um discurso presidencial de recepção da tocha olímpica, primordialmente classificado como um evento esportivo, exemplifica que o esporte traz

conotações políticas e que eventos esportivos devem ser utilizados para a união dos povos de maneira sadia.

Do ponto de vista político, diversos líderes e chefes de Estado estiveram presentes na abertura dos jogos Olímpicos de verão de 2016, dentre eles destacam-se o Secretário Geral da Organização das Nações Unidas Ban Ki-moon, o secretário de Estado estadunidense John Kerry, o presidente da Argentina Mauricio Macri, o Governador-Geral da Austrália Peter Cosgrove, o Governador-Geral do Canadá David Johnston, vice-primeira-ministra do Conselho de Estado da China Liu Yandong, o Primeiro-Ministro da Itália Matteo Renzi, a Princesa Anne do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte, dentre outros líderes.

Um exemplo da união dos povos através do esporte é evidenciado pelo Itamaraty (2016) afirmando que um dia antes da abertura dos Jogos Olímpicos do Rio 2016 diversos monumentos e edifício-marco no mundo estiveram iluminados pelas cores da bandeira brasileira, festejando o início dos jogos. Alguns dos pontos que foram iluminados com as cores das bandeiras brasileiras foram o edifício Skytree, em Tóquio, o estádio olímpico “Ninho do Pássaro, em Pequim, o Estádio Panatenaico, em Atenas, a Torre Aspire, em Doha, a Prefeitura Hôtel de Ville, em Paris, a Ponte Nelson Mandela, em Johannesburgo, o South Bank, em Londres, o monumento Floralis Generica, em Buenos Aires, todos respaldados pelas cores verde e amarelo que iluminaram também o Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, dentre outros prédios e monumentos. Ressaltar que diversos países no mundo “pintaram” as cores brasileiras em alguns de seus principais edifícios ou prédios é de extrema importância, afinal, mostrava que os mais diversos e variados países no mundo estavam unidos pelo evento que se iniciaria no dia seguinte no Rio de Janeiro, além de fazerem as cores brasileiras unirem o mundo em um só, independente das variedades socioculturais que poderiam existir.

Apesar de pequeno, o gesto é grandioso, este foi um dos momentos no qual o Brasil se tornou o centro das atenções no mundo e trouxe assim uma representação política e diplomática formosa pautada na incidência do esporte como fonte de força, criando assim um dos exemplos mais práticos de que o esporte se tornou fonte de *soft power*.

Apesar desta grande ressalva política e diplomática, o esporte também foi capaz de obter ganhos expressivos. Nas olimpíadas de Londres em 2012, o Brasil acumulou um total de dezessete medalhas, sendo estas três de ouro, cinco de prata e nove de bronze, já nas olimpíadas de 2016 no Rio de Janeiro, os números finais de medalhas foram superiores, foram um total de dezenove medalhas, sete de ouro, seis de prata e seis de bronze. Estes resultados fizeram o Brasil saltar da vigésima segunda colocação no quadro final de medalhas para a décima terceira colocação. Enquanto em 2012 as medalhas de bronze brasileiras vieram das modalidades de boxe, judô, vôlei de praia, vela e pentatlo moderno, em 2016 as medalhas partiram das modalidades de canoagem, ginástica artística, judô, natação e *taekwondo*. Em relação as medalhas de prata, em 2012 elas foram conquistadas nas modalidades de boxe, futebol, vôlei de quadra e natação, já em 2016 vieram da canoagem, ginástica artística, tiro esportivo, e vôlei de praia. Por fim, as medalhas de ouro vieram em 2012 da ginástica artística, do vôlei de quadra e do judô feminino, já em 2016 tiveram medalhas de ouro do vôlei de praia e quadra, da vela, do judô, do futebol, do boxe e do atletismo. Dentre todas estas medalhas, vale ressaltar a medalha de ouro que a equipe de futebol masculino conseguiu em 2016, afinal, apesar do Brasil ser amplamente reconhecido como país do futebol, esta foi a primeira vez em que a equipe masculina terminou a disputa olímpica de futebol em primeira colocação.

Os resultados podem ser evidenciados nas tabelas a seguir que mostram as posições finais dos principais países que disputaram as olimpíadas, sendo a tabela 1 referente aos jogos olímpicos de 2012 em Londres e a tabela 2 em relação aos jogos de 2016 no Rio de Janeiro.

Figura 7 - Quadro de medalhas Jogos Olímpicos de Verão de 2012

Londres 2012 Quadro de Medalhas					Total
1º	Estados Unidos	46	29	29	104
2º	China	38	27	23	88
3º	Reino Unido	29	17	19	65
4º	Rússia	24	26	32	82
5º	Coréia do Sul	13	8	7	28
6º	Alemanha	11	19	14	44
7º	França	11	11	12	34
8º	Itália	8	9	11	28
9º	Hungria	8	4	5	17
10º	Austrália	7	16	12	35
22º	Brasil*	3	5	9	17

Fonte: BRASIL (2016)

Figura 8 - Quadro de medalhas Jogos Olímpicos de Verão de 2016

		USA	ESTADOS UNIDOS				TOTAL
1		GBR	GRÃ-BRETANHA	27	23	17	67
3		CHN	CHINA	26	18	26	70
4		RUS	FEDERAÇÃO DA RÚSSIA	19	18	19	56
5		GER	ALEMANHA	17	10	15	42
6		JPN	JAPÃO	12	8	21	41
7		FRA	FRANÇA	10	18	14	42
8		KOR	REPÚBLICA DA CORÉIA	9	3	9	21
9		ITA	ITÁLIA	8	12	8	28
10		AUS	AUSTRÁLIA	8	11	10	29
11		NED	PAÍSES BAIXOS	8	7	4	19
12		HUN	HUNGRIA	8	3	4	15
13		BRA	BRASIL	7	6	6	19

Fonte: RIO 2016 (2016)

Apesar do aumento de medalhas que proporcionaram ao Brasil pular do vigésimo segundo lugar para o décimo terceiro, o país se encontra muito afastado das principais lideranças que disputaram os jogos. Dentre estas lideranças está os EUA, que em 2012 acumulou cento e quatro medalhas no

total, quarenta e seis medalhas de ouro, vinte e nove de prata e vinte e nove de bronze. Já em 2016 obteve um maior número de medalhas, ficando com um total de cento e vinte e uma medalhas, quarenta e seis de ouro, trinta e sete de prata e trinta e oito de bronze. Outro país que possui um bom histórico no quadro de medalhas é a China, que em 2012 obteve oitenta e oito medalhas, trinta e oito de ouro, vinte e sete de prata e vinte e três de bronze. Mas que em 2016 conquistou setenta medalhas, vinte e seis de ouro, dezoito de prata e vinte e seis de bronze e perdeu uma posição no ranking final, caindo para a terceira colocação e perdendo a segunda para o Reino Unido, que conquistou sessenta e sete medalhas no total, mas obteve um maior número de medalhas de ouro, alcançado vinte e sete medalhas.

Avaliando as duas tabelas, se evidencia que a relação entre a quantidade populacional aumenta a quantidade de medalhas que um país será capaz de angariar, afinal, todos os países que apareceram nas duas tabelas possuem mais de vinte milhões de habitantes, porém, ao mesmo tempo em que a quantidade populacional facilita tais conquistas, elas não se tornam uma regra e nesse ponto diversos aspectos podem ser levados em consideração para justificar a quantidade obtida de medalhas, tais quais a instabilidade política no país, em certos casos até a existência de uma guerra civil, a falta de investimentos na área esportiva, a cultura que acaba valorizando apenas um ou alguns esportes no país e muito mais. Neste caso, os motivos que levam a países com grandes populações a não obterem bons resultados olímpicos são vários e variam de país para país, portanto, apenas um estudo específico por país seria capaz de levantar tais dados.

Outro ponto que pode ser avaliado em relação aos resultados do quadro de medalhas é a existência das principais potências do mundo nas principais posições do ranking, sendo assim, estes são os casos de Estados Unidos, China, Reino Unido, Rússia e Alemanha. Esta ligação pode ser relacionada ao fato de exaltação da entidade nacional e da demonstração de força, que fortalece a disputa por medalhas.

Alguns dados interessantes das olimpíadas são números referentes a composição da equipe brasileira, sendo assim, em 2016 está sendo enviada a maior delegação brasileira aos jogos, sendo composta por quatrocentos e

sessenta e cinco atletas, destes duzentos e cinquenta e sei são homens e duzentos e nove são mulheres. Além disso, duzentos e noventa e quatro atletas vem da região Sudeste, setenta e quatro da região Sul, cinquenta e um do Nordeste, vinte e um da região Centro Oeste e seis da região Norte.

3.7 JOGOS PARALÍMPICOS DE VERÃO

Os Jogos Paralímpicos de Verão é um evento que acontecem em sequência aos Jogos Olímpicos de Verão e ambos os eventos possuem a mesma sede, portanto no ano de 2016 o local de realização dos Jogos foi na cidade do Rio de Janeiro. As Paraolimpíadas se tornaram um exemplo de superação as mais variadas deficiências, sendo tanto quanto nos Jogos Olímpicos, uma maneira de glória esportiva e demonstrativo de força estatal. No ano de 2016 mais de duzentos países obtiveram delegação para disputar medalhas nos jogos.

Na tabela a seguir está o quadro de medalhas das disputas que aconteceram no ano de 2012, quando os Jogos foram sediados em Londres, no Reino Unido.

Figura 9 – Quadro de medalhas Jogos Paralímpicos de Verão 2012

Londres 2012 Quadro de Medalhas					Total
1º	China	95	71	65	231
2º	Rússia	36	38	28	102
3º	Grã-Bretanha	34	43	43	120
4º	Ucrânia	32	24	28	84
5º	Austrália	32	23	30	85
6º	Estados Unidos	31	29	38	98
7º	Brasil	21	14	8	43
8º	Alemanha	18	26	22	66
9º	Polônia	14	13	9	36
10º	Holanda	10	10	19	39

Fonte: BRASIL (2016)

Diferentemente dos Jogos Olímpicos, nas Paraolimpíadas o Brasil possui um histórico melhor e no ano de 2012 terminou a competição em sétimo lugar, com um total de quarenta e três medalhas, vinte e uma de ouro, quatorze de prata e oito de bronze. Os esportes em que o Brasil conquistou as medalhas de ouro foram no atletismo, bocha, futebol de 5, natação e esgrima em cadeira de

rodas. Já as medalhas de prata vieram do atletismo, goalball, judô e natação. Por fim, as medalhas de bronze foram conquistadas no atletismo, bocha, judô e natação.

Torna-se evidente o desenvolvimento Paraolímpico brasileiro considerando a posição obtida em 2008, quando os Jogos foram realizados em Pequim, na China, como mostra a tabela a seguir.

Figura 10 - Quadro de medalhas Jogos Paralímpicos de Verão 2008

Pequim 2008 Quadro de Medalhas					Total
1°	China	89	70	52	211
2°	Grã-Bretanha	42	29	31	102
3°	Estados Unidos	36	35	28	99
4°	Ucrânia	24	18	32	74
5°	Austrália	23	29	27	79
6°	África do Sul	21	3	6	30
7°	Canadá	19	10	21	50
8°	Rússia	18	23	22	63
9°	Brasil	16	14	17	47
10°	Espanha	15	21	22	58

Fonte: BRASIL (2016)

Nesta oportunidade, o Brasil apesar de ter conseguido um maior número de medalhas, quarenta e sete no total, terminou a competição em nono lugar, neste caso, o que evidencia o desenvolvimento brasileiro nos esportes paraolímpicos, são a quantidade de medalhas de ouro obtidas, afinal, quanto maior a quantidade de ouro, melhor será o desempenho no quadro geral de medalhas, sendo assim, em 2008 a delegação brasileira Paraolímpica alcançou dezesseis medalhas de ouro, quatorze de prata e dezessete de bronze, tornando o desempenho em 2012 muito superior, com um total de vinte e uma medalhas de ouro. A quantidade de medalhas de ouro enfatiza o conceito de qualidade no esporte, afinal, sendo capaz de obter um maior número de medalhas de ouro, o Brasil demonstra que sua força e eficiência está sendo efetiva.

Por fim, tratar dos Jogos Paralímpicos de 2016, que ocorreram no Rio de Janeiro, são uma prioridade a análise por ter influência direta na década esportiva analisada em questão. Sendo assim, a seguir apresenta-se a tabela final do evento.

Figura 11 – Quadro de medalhas Paralimpíadas 2016

						TOTAL
1	 CHN	CHINA	107	81	51	239
2	 GBR	GRÃ-BRETANHA	64	39	44	147
3	 UKR	UCRÂNIA	41	37	39	117
4	 USA	ESTADOS UNIDOS	40	44	31	115
5	 AUS	AUSTRÁLIA	22	30	29	81
6	 GER	ALEMANHA	18	25	14	57
7	 NED	PAÍSES BAIXOS	17	19	26	62
8	 BRA	BRASIL	14	29	29	72
9	 ITA	ITÁLIA	10	14	15	39
10	 POL	POLÔNIA	9	18	12	39

Fonte: RIO 2016 (2016)

Nesta edição, o Brasil acumulou um total de setenta e duas medalhas, sendo quatorze de ouro, vinte e nove de prata e vinte e nove de bronze. Se comparado o desempenho da delegação brasileira com o evento de 2008 em Pequim, o Brasil obteve em 2016 vinte e cinco medalhas a mais no total, porém, obteve duas a menos de ouro, o que é uma das explicações para ter uma pior colocação nesta edição, afinal, no que tange as quantidades de medalhas de prata e bronze, o Brasil conquistou um número mais elevado no Rio do que em Pequim. Já em uma análise no quadro de 2016 com o de 2012, o Brasil também obteve em 2016 um maior número de medalhas no total, sendo vinte e nove na edição mais recente, porém, da mesma forma que se comparado a Pequim, o

Brasil conquistou um menor número de medalhas e não conseguiu repetir uma colocação tão boa quanto nos anos anteriores.

Tendo em vista que os Jogos Paralímpicos fecharam a “Década do Ouro do Esporte no Brasil”, estes jogos foram cruciais em sequência dos Jogos Olímpicos para tornar este período em um sucesso esportivo e diplomático ao país. Apesar de os ganhos esportivos serem apenas quantitativos, este evento evidenciou a união internacional que o Brasil possibilitou através de eventos esportivos em seu solo, angariando assim fortalecimento diplomático em aspectos diplomáticos multilaterais de paz, cooperação e esporte, tornando apesar dos altos e baixos momentos este período em um saldo positivo e único para a diplomacia brasileira.

3.8 JOGOS UNIVERSITÁRIOS MUNDIAIS

Organizada pela FISU (Federação Internacional de Esporte Universitário, em português) e também conhecida como Universíade, o Brasil foi escolhido em 2013, mais especificamente na cidade de Brasília para sediar o evento, porém, a sede encontra-se com dificuldades para prosseguir com a ideia e realizar os jogos como explanado a seguir (BRASIL, Portal Brasil, 2015.):

O ministro do Esporte, George Hilton, recebeu em audiência o governador do Distrito Federal, Rodrigo Rollemberg, na terça-feira (20) para buscar uma forma de manter a Universíade 2019 em Brasília. Em 2013, a capital federal foi escolhida como sede, mas, por falta de recursos, o governo do DF suspendeu o evento.

Politicamente o mais negativo caso de repercussão esportiva e interlocução de esporte e diplomacia tornou-se a Universíade 2019, que atualmente encontra-se em uma luta política devido ao que o governo comprometeu-se no ano de 2013. O caso é o único que acarreta má reputação diplomática para o Brasil da “Década do Esporte” e tornou-se um exemplo de como não conduzir uma ferramenta da política externa brasileira que é historicamente ligada a política externa brasileira.

A votação havia sido no ano de 2013 e teve como candidaturas oponentes a cidade de Baku, no Azerbaijão, que posteriormente retirou a candidatura antes da votação final e a cidade de Budapeste, na Hungria. A iniciativa é uma tentativa

de trazer para o Brasil os jogos que ocorreram pela última vez na América do Sul e no Brasil no ano de 1963, na ocasião realizado em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul (Brasil, 2016).

3.9 CONSIDERAÇÕES DA “DÉCADA DO OURO DO ESPORTE NO BRASIL”

O período apresentado nesta etapa conhecido como a “Década do Ouro do Esporte no Brasil”, tem como objetivo abranger uma época na qual alguns dos principais eventos esportivos internacionais foram sediados no Brasil.

A década começou no ano de 2007 com os Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro, seguido pelos Jogos Mundiais Militares, em 2011, Copa das Confederações, em 2013, Copa do Mundo de futebol, em 2014, Jogos Mundiais dos Povos Indígenas, em 2015, e por fim, Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016 no Rio de Janeiro. Além destes eventos, no termo cunhado esportivamente pelo Itamaraty como “Década do Esporte”, em alusão a década de 2010, tem nos Jogos Universitários Mundiais outro evento de grandes proporções internacionais com possibilidade de sediar-se no Brasil.

A partir de uma análise da diplomacia esportiva e cultural, o Brasil obteve trunfos em eventos como os Jogos Pan-Americanos, que abriram a década esportiva positivamente e trouxeram resultados esportivos também importantes para o evento, que possibilitou esportivamente maiores ganhos em medalhas para a delegação brasileira, contudo, não apresentou melhor posicionamento e estagnou-se nas edições do Rio de Janeiro, Guadalajara (2011) e Toronto (2015). Os Jogos Pan-Americanos foram importantes para firmar nas últimas três edições o Brasil como a terceira delegação esportiva do continente americano e trazendo assim prestígio internacional ao país.

Na sequência do Pan de 2007, o Brasil sediou os Jogos Mundiais Militares e proporcionou uma tangência entre *hard power* com *soft power*. Esta união acontece por representantes do exército (*hard power*) atuarem em um evento de caráter esportivo (*soft power*), ocasionando na união destas duas formas de poder.

Em relação ao esporte, na edição de 2011, dos Jogos Mundiais Militares, o Brasil mostrou-se como a principal força esportiva militar no mundo. Já o desempenho da edição de 2015 ocasionou na expectativa de mais de vinte por cento da delegação brasileira que estaria nos Jogos Olímpicos do ano seguinte, serem militares brasileiros.

Em 2013, o Brasil iniciou a onda de eventos esportivos internacionais ligados ao esporte de maior assimilação popular no país, ou seja, o futebol. Neste ano o evento teste da FIFA (Federação Internacional de futebol, em português) para a organização da Copa do Mundo de futebol que viria a acontecer em 2014, ocorreu no Brasil. O evento foi bem executado e planejado, tornando-se esperançoso ao que poderia ocorrer no ano seguinte. Porém, em 2014, declarações de ex-jogadores que eram tratados como ídolos nacionais, situação política e má organização para serviços a civis somados a uma goleada para a seleção da Alemanha e a perda da terceira colocação de forma também humilhante fizeram do evento um desastre, transformando assim o que deveria fortalecer o sentimento de nacionalismo no Brasil em uma espécie da “crise de identidade” social.

Buscando fortalecer e enaltecer os povos indígenas do Brasil e do mundo, ocorreu no ano de 2015 a primeira edição dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas. O objetivo deste evento era apresentar a união e a integração indígena em nível mundial, com delegações de vinte e quatro países de todos os continentes habitados.

Por fim, fechando a “Década do Ouro do Esporte no Brasil”, aconteceu no ano de 2016 os Jogos Olímpicos e Paralímpicos na cidade do Rio de Janeiro, que foram um sucesso de união dos povos e tornaram nesta década o Brasil o centro das atenções esportivas por todos os países do mundo. Além disso, enaltece-se o fato de que o “país do futebol” pela primeira vez conquistou uma medalha no futebol masculino em uma edição olímpica, o que questiona o termo cunhado ao Brasil internacionalmente. Além deste fato, pontos como a maior delegação brasileira na história das olimpíadas e um recorde em conquista de medalhas fizeram as Olimpíadas tomarem papel central na década mais importante para o esporte no Brasil.

Um pouco além desta década, o esporte encontra em 2019 outra possibilidade de trazer um evento esportivo internacional ao Brasil através dos Jogos Mundiais Universitários. Infelizmente, como exemplo negativo de diplomacia cultural e esportiva, o governo brasileiro não sabe se será possível realizar tal edição na cidade de Brasília pela falta de recursos financeiros, o que gera internacionalmente um debate a respeito da efetividade de promessas brasileiras em relação e seus cumprimentos.

Apesar dos altos e baixos o Brasil apresentou-se como centro do esporte internacional, entre os anos de 2007 e 2016. Período que incentivou o turismo esportivo no país, trouxe capital internacional e colocou a ferramenta de diplomacia cultural e esportiva em outro nível se comparado ao que historicamente é assimilado.

Com estes resultados, o futebol perdeu poder devidos aos resultados e outros esportes fortaleceram-se socialmente, possibilitando ao Brasil um momento de repensar em sua diplomacia e possivelmente pautar-se de maneira mais diversificada em esportes para atuarem conjuntamente na diplomacia esportiva cultural brasileira.

4 ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS ESPORTIVAS

Como definido nos capítulos anteriores, o esporte tornou-se principalmente nos séculos XX e XXI, um instrumento das relações internacionais com aplicações intrínsecas a sociedade internacional. Desta forma, analisar a maneira com a qual as mais variadas modalidades desdobram-se no contexto internacional é de suma importância para compreender o seu desenvolvimento no Brasil. Com este tipo de análise, entender a ascensão de equipes como a de vôlei, de basquete, de handebol brasileiro, entre outras, somados ao crescimento de novas potências esportivas como *Brazilian storm*, torna-se plausível e capaz de analisar a interação destes novos movimentos esportivos no Brasil.

Reconhecer a diversificação esportiva no Brasil é um passo complicado, afinal, por mais de um século o futebol conquistou a preferência esportiva das massas sociais brasileiras e alterou os dois níveis da política nacional, o que torna complicado questionar o papel deste para a sociedade em questão. Sendo assim, direcionar o debate que será travado neste capítulo é de suma importância para que as áreas em específico possam atingir um resultado frutífero.

Desta maneira, o capítulo se divide inicialmente em subcapítulos acerca de esportes de maior relevância ao Brasil, como o futebol, o basquete, o surfe e o vôlei, sendo seguido por uma discussão a respeito do poder representativo do esporte na sociedade brasileira e posteriormente por um debate acerca do esporte nos dois níveis de diplomacia brasileira.

4.1 FUTEBOL

O Brasil é internacionalmente reconhecido como país do futebol, o que não é uma novidade para ninguém, afinal costumeiramente veículos midiáticos nacionais e internacionais enfatizam este título para o mundo inteiro. Como debatido anteriormente, também é de suma importância notar que na “Década do Ouro do Esporte no Brasil”, o principal evento que foi ofertado para vender o esporte nacional aos olhos estrangeiros foi a Copa do Mundo de futebol

Masculino de 2014, mas que devido aos resultados obtidos não trouxe a tão desejada propaganda positiva e praticamente saiu como um tiro no pé, principalmente no que tange ao reconhecimento de uma geração inteira intitulada de “Geração 7x1”. O maior resultado neste esporte desta década foi obtido apenas em 2016, quando pela primeira vez na história a seleção sub-23 masculina conquistou o primeiro lugar na disputa dos Jogos Olímpicos de Verão ocorridos no Rio de Janeiro. Após estes acontecimentos é fundamental um debate a respeito da situação do futebol no Brasil atual para que assim, um caso de crise possa-se ser refutado ou não.

Por anos o Brasil passou por uma quase imposição de que este era o único país próspero para o desenvolvimento do esporte. Após tantas conquistas futebolísticas nas mais variadas competições disputadas no mundo, cresceu uma ideia de que o Brasil era para o futebol uma espécie de “fazenda”, a qual recolhia recorrentes safras campeãs de algo que parecia geneticamente modificado com a fórmula do futebol no sangue deste povo. Uma análise interessante acerca do futebol é ofertada por Gordon e Helal (2002, p. 37).

O século XX foi, no Brasil, o século do futebol. Desde sua introdução no país, o antigo “esporte bretão” passou por um verdadeiro processo de incorporação cultural até se constituir no que os brasileiros chamam de “a paixão nacional”, como se com isso quisessem afirmar que o futebol é quase uma propriedade nossa, que fomos talhados para o futebol, que não só o nosso futebol é o melhor do mundo, como o país é o lugar do mundo onde mais se ama e se entende o futebol. Tudo isso está bem sintetizado no epíteto “Brasil, país do futebol”, já solidificado não só no imaginário nacional, mas também fora do país, principalmente em decorrência da supremacia brasileira em Copas do Mundo, após as quatro conquistas (1958/1962/1970/1994).

Logo em seguida ao lançamento deste trabalho, mais uma conquista de Copa do Mundo em 2002 trouxe uma vantagem ao Brasil frente as demais nações, naquele momento o país conquistara seu quinto título e distanciava da sombra das seleções que obtinham apenas três títulos. O momento parecia claro, apontava para mais uma safra campeão construindo-se, jogadores destacavam-se mundialmente e faziam fama em países com os melhores clubes e infraestruturas, tais quais Ronaldo Fenômenos, Ronaldinho Gaúcho e Kaká, que atuavam em times da Espanha e Itália no velho continente, ganhavam os maiores salários do esporte e eram fonte de inspiração para as populações brasileiras mais carentes que buscavam ascensão social.

Esta visão que o país passava com a conquista de sua quinta Copa do Mundo não era exclusiva da virada do milênio, mas era um sentimento anterior como afirma Azamarray (2011, p. 53) “Em 1970 a visão internacional do Brasil era do país do Carnaval e Futebol, o país do Pelé; a visão ufanista do regime militar visava promover um Brasil maior, forte e capaz. ” Fica evidente que a construção remontada a segunda metade do século XX ainda fazia efeito na sociedade brasileira contemporânea como forma de ludibriar os olhos das classes sociais mais baixas com um “sonho de consumo” e vender ao exterior a velha safra futebolística brasileira.

É em 2002-2003 que a situação começa a alterar-se, afinal em 2002 foi a última campanha exemplar da seleção brasileira até a Copa do Mundo de 2014. A edição de 2006 era tratada como o próximo ano de uma grandiosa seleção que encantaria os olhares da sociedade brasileira e da sociedade internacional, acarretando em uma nova etapa vitoriosa do futebol deste país, porém, apesar de recheadas de “heróis” nacionais, a seleção caiu nas quartas de final para a seleção francesa ludibriando a fervência dos torcedores brasileiros. Logo em seguida em 2010, desacreditada totalmente a seleção brasileira chegou a edição da África do Sul aparentando não almejar o título internacional e caiu para a seleção dos Países Baixos novamente nas quartas de final. Por fim, como debatido no capítulo dois acerca da Copa do Mundo de 2014, o mais vergonhoso resultado da história recente do futebol no Brasil, apesar de alcançar finalmente as semifinais, o Brasil sofreu uma derrota vergonhosa por sete a um para a seleção alemã e sacramentou o início de uma crise futebolística no país nos próprios solos estatais.

Mas, o que é de suma importância ao estudo do esporte no Brasil, é compreender o conjunto administrativo que gerencia o esporte desde o nível mais amplo internacional, até o de menor abordagem dentro de cada Estado. Sendo assim, o Brasil possui atualmente uma gestão ligada diretamente à CBF (Confederação Brasileira de Futebol) e sub administrada pelas entidades estatais, tais quais a FPF (Federação Paulista de Futebol). Por sua vez, a CBF conecta-se administrativamente a CONMEBOL (Confederação Sul-Americana de Futebol, em português), que administra o Futebol na América do Sul, com a

exceção da Guiana, do Suriname e do departamento ultramarino francês da Guiana Francesa. No mundo existem outras associações de cunho regionalista que trabalham em outras localidades e por sua vez também estão ligadas a organização central de futebol localizada na Suíça e intitulada FIFA (Federação Internacional de Futebol, em português), que em suas palavras (FIFA, s.d., s.n).

The Fédération Internationale de Football Association (FIFA) is an association governed by Swiss law founded in 1904 and based in Zurich. It has 211 member associations and its goal, enshrined in its Statutes, is the constant improvement of football.⁵

Internacionalmente o peso da FIFA é demasiado grande, pois como citado na referência anterior, é fruto de uma integração internacional que é fruto de uma união formidável e representativa por seus 211 membros associados, sendo assim, dificilmente encontra-se na atualidade Estados e regiões que não fazem parte da maior organização esportiva em âmbito mundial.

Citar primeiramente a FIFA, a Conmebol e a CBF nesta etapa da análise é primordial para explicar a hipótese desta possível crise brasileira, afinal, é da administração que se geram os resultados, portanto, se o Brasil não é capaz de desenvolver-se neste desporto, a explicação pode ser ofertada organizacionalmente. Para começar, portanto, é necessário compreender a funcionalidade da FIFA, a qual tem ligada ao investimento privado de empresas multinacionais grande parte da fonte de suas rendas, assim como explanado por Rodrigues (2015, p. 67) “empresas como Coca-Cola, Sony, Adidas, Emirates Airlines e Hyundai se apresentam como os [...] patrocinadores da organização. Deste modo a FIFA inaugura [...] suas arrecadações massivas com parcerias empresarias [...]” Fica portanto vinculado a iniciativa privada boa parte das doações que financiam o funcionamento da organização, tal qual a obtenção de valores para custeamento de evento a esta ligada, sendo um exemplo os campeonatos desta modalidade no Brasil, que possuem patrocinadores centrais, os quais dão nomes a competições para divulgação de suas marcas. A forma em que estes financiamentos ocorrem é a mesma que funciona para times de futebol, no caso dos times, a empresa paga um valor para estampar seus nomes

⁵ “A Federação Internacional de Futebol (FIFA) é uma associação governada pela lei suíça fundada em 1904 e sediada em Zurich. Tem 211 membros associados e seu objetivo, definido pelo seu estatuto, é o constante desenvolvimento do futebol.” (FIFA, s.d., s.n., tradução nossa)

nas camisas dos times de futebol, já no caso das competições, a vinculação é diretamente ligada ao evento em realização (idem, 2015, P. 54).

Ligado intrinsecamente ao estudo da Economia Política Internacional, esta comercialização do desporto se materializa de diversas formas, dentre as principais pode-se nomear: ingressos, concessões de direitos televisivos, mídia impressa, rádio, etc. [...]. Todavia, esta economia gerada pelo desporto se mostra diferente dos demais sistemas econômicos, pois além de ter uma geração de renda inquestionável, ela ainda se relaciona com fatores culturais que permitem a identificação nacional por indivíduos e grupos.

É desta ligação cultural do esporte, que se gera o contato com a exaltação da nação em casos patrióticos como o do Brasil, que a partir da segunda metade do século XX deteve no evento da Copa do Mundo o maior momento de exaltação nacionalista. No que toca o âmbito interno brasileiro, estas exaltações acontecem entre torcidas de times em específico, sendo assim, em momentos nos quais não estão ocorrendo a Copa do Mundo, a exaltação nacional passa-se a times. No Brasil, mais especificamente no estado de São Paulo, comumente as torcidas dos três maiores times da capital intitulam-se nações, além de representarem casos específicos da sociedade como no caso do Palmeiras. Este time em específico foi fundado em 1914, com o nome de Palestra Itália, por imigrantes italianos que viam no futebol uma forma de exaltarem sua nação proeminente, mas que devido a Segunda Guerra Mundial necessitaram alterar o nome do time devido a ligação com a Itália, que encontrava-se em outro lado da guerra em relação ao Brasil. Atualmente, o Palmeiras ainda reúne, principalmente na cidade de São Paulo, a comunidade italiana, que por sua vez se se autocaracteriza como “Nação Palestrina. De modo geral, o problema ocasionado pela formação destas “mini nações” dentro da sociedade civil brasileira é a falta de uniformidade social, a qual acaba sendo dividida internamente a partir do seu todo.

Um fruto positivo da administração esportiva gerenciado pela FIFA são os seus programas internacionais que buscam gerar união da sociedade e internacional em prol a causas de luta internacional, um destes programas é o *Football for Hope* que nas palavras da FIFA (2014, p. 1):

To harness football's huge potential and support existing football-based community projects, FIFA launched the Football for Hope initiative in 2005. The initiative's main aim is to help improve the lives and

prospects of young people around the world. FIFA offers funding, equipment, and training to the organizations running these projects and their beneficiaries. Furthermore, we organize events for experts and young leaders to meet, exchange ideas and learn from each other while sharing their experience of working in this field. ⁶

Desta forma, este tipo de iniciativa, busca propiciar oportunidades de melhorias de vidas, troca de ideias a respeito da área esportiva como forma de trazer melhorias sociais. Além do *Football for Hope*, a FIFA também trabalha com os programas *Football for the Planet*, *Diversity and Anti-Discrimination* e *Fair Play*.

Apesar de ser importante ressaltar a atuação da FIFA em programas voltados a melhorias para a sociedade internacional, um lado negativo toma conta da organização a tira credibilidade de seu trabalho. No ano de 2015, a corrupção esteve diretamente ligada a organização suprema futebolística e também ao Brasil, na qual sete dirigentes da FIFA foram presos em operação da polícia suíça em conjunto com outras unidades policiais ao redor do mundo. A seguir, um breve relato da ligação com o Brasil exposto pela BBC Brasil (2015):

Três brasileiros estão implicados no esquema de corrupção, de acordo com o departamento de Justiça dos EUA. Um dele é o ex-presidente da CBF José Maria Marin - a nota do Departamento de Justiça não detalha as suspeitas contra ele. A CBF se manifestou a respeito da investigação por meio de nota dizendo que "aguardará, de forma responsável, sua conclusão, sem qualquer julgamento que previamente condene ou inocente." A Justiça americana diz que José Hawilla, dono da Traffic Group, maior agência de marketing esportivo da América Latina, confessou os crimes. A Traffic é dona de direitos de transmissão, patrocínio e promoção de eventos esportivos e jogadores, além de empresas de comunicação no Brasil. Consultado pela reportagem, o advogado de J. Hawilla, José Luis de Oliveira Lima, afirmou que o dono da Traffic "apoia as investigações e prestou esclarecimentos devidos às autoridades americanas" e está em liberdade nos Estados Unidos. O terceiro brasileiro investigado pelo FBI é José Lazaro Margulies, proprietário das empresas Valente Corp. e Somerton Ltd., ambas ligadas a transmissões esportivas. A nota divulgada pela justiça norte-americana afirma ainda que investiga suposto pagamento e recebimento de suborno em um

⁶ "Para aproveitar o grande potencial do futebol e apoiar projetos comunitários baseados no futebol, a FIFA lançou o projeto *Football for Hope* em 2005. A principal proposta da iniciativa é ajudar a melhorar vidas e as expectativas da juventude no mundo inteiro. A FIFA oferece ajuda, equipamento, e treinamento para as organizações deste tipo de projeto e seus beneficiários. Além disso, nós organizamos eventos para especialistas e jovens líderes se encontrarem, trocaram ideias e aprenderem uns com os outros enquanto trocam experiências de trabalho em seus campos." (FIFA, 2014, p. 1, tradução nossa)

patrocínio "da CBF para uma grande empresa de roupas esportivas dos EUA".

Como exposto nesta breve reportagem, a administração encabeçada pela FIFA é falha devido a corrupção, a qual tem participação de membros brasileiros da organização e da própria CBF. Desta forma, evidencia-se que a maneira com a qual a FIFA e suas sub entidades geram receitas, é também fonte de atividades ilícitas e coloca em cheque a situação da atuação da entidade em seus duzentos e onze membros. É neste momento que a hipótese de crise futebolística no Brasil fortalece-se e transmite-se para âmbito internacional, a crise não está apenas localizada nas famosas “quatro linhas”, mas em todo um esquema para que alguns membros se enriqueçam e deem sequência ao falho sistema administrativo.

Este esquema explicitado é de suma importância para a análise, pois José Maria Marin, assumiu em 2012 a presidência da CBF e como posteriormente foi ligado em 2015 ao sistema de corrupção da FIFA com a própria CBF, isto demonstra como a crise pode estar afetando a formação do futebol no Brasil, afinal, a organização passa a impressão de não trabalhar mais por causas como *Football for Hope* e aparenta na verdade desenvolver-se para um sistema corrupto organizado para poucos. Este tipo de situação criada administrativamente pelo esporte em âmbito internacional cria uma situação de formação esportiva precária, na qual a qualidade não é mais o ponto central, abrindo assim a oportunidade para que outros esportes ocupem as arestas futebolísticas.

4.2 BASQUETE

A história organizacional do basquete apresenta-se ligada diretamente a outros esportes. Inicialmente, a IAAF (Federação Internacional de Esportes Atlético, em português), no ano de 1926, buscou criar e organizar um sistema administrativo em específico para o Handebol e para o basquete a fim de facilitar sua administração, tendo em vista que regulamentar tais esportes era dificultado por serem de naturezas diferenciadas em relação aos demais esportes administrados pela organização. Sendo assim, foi fundada a Federação Internacional de Handebol Amador (IAHF, sigla em inglês), que dividia em três

grupos a sua atuação esportiva, o primeiro grupo objetivando o Handebol Indoor, o segundo grupo objetivando o Handebol de Quadra e o terceiro grupo objetivando o basquete (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASKETBALL, s.d., s.n.).

A institucionalização do basquete somente não foi uma vitória maior por estar diretamente ligada a IAHF e não ser uma organização de cunho unilateral exclusivo do basquete, sendo assim, é na década de 1930 que nasce a personalidade (Renato William Jones), que traria tais vitórias institucionais e políticas ao basquete como esporte independente que eram tão demandadas, sendo assim (idem, s.d., s.n.):

Surge então a figura de Renato William Jones, um inglês de impressionante formação que se tornou um dos principais defensores do esporte. No verão de 1931, Jones encontra-se com o secretário da IAHF, German Hassler, no intuito de discutir a emancipação do basquete, não obtendo resultado. Em 18 de junho de 1932, Elmer Berry, diretor da Escola de Educação Física da ACM, convoca a primeira conferência internacional de basquete, contando com a presença do próprio Berry, de William Jones, e representantes da Argentina, Grécia, Itália, Letônia, Portugal, Romênia, Suíça e Tchecoslováquia, além de observadores da Hungria e Bulgária. Ao final da conferência, nascia a Federação Internacional de Basketball Amador (FIBA), presidida pelo suíço Leon Buffard e secretariada por William Jones.

Esta breve passagem contextualiza na história do basquete as demandas internacionais que foram necessitadas para a complementação organizacional política de uma instituição focada neste esporte, a partir deste momento observa-se que a FIBA é capaz de responder unilateralmente como representante internacional da modalidade, fomentando assim o desenvolvimento supranacional e universal do mesmo. Atualmente, a organização conta com aproximadamente cento e setenta países filiados no mundo todo.




Tal qual ocorre no esporte, a FIBA possui uma entidade representante administrativa para o Brasil, a qual tem por objetivos promover o esporte no país, chamada de CBB (Confederação Brasileira de Basketball), entidade que afirma que (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASKETBALL, s.d., s.n.) “A aceitação nacional do novo esporte veio através do Professor Oscar Thompson, na Escola Nacional de São Paulo e Henry J. Sims, então diretor de Educação Física da Associação Cristã de Moços (ACM), do Rio de Janeiro.”

Apesar de história do basquete no Brasil ser centenária, a principal seleção de basquete no mundo é a dos Estados Unidos, também conhecido por ser o país fundador do esporte. Fortalecendo a hegemonia norte-americana na modalidade alia-se o fato de que (BRASIL, 2016) “Em 18 edições dos Jogos Olímpicos, o basquete não contou com uma equipe norte-americana no lugar mais alto do pódio apenas duas vezes.”











No século XX, o Brasil possui um contato intenso de seus jogadores com a liga norte-americana de basquete, comumente conhecida como uma das principais ligas do esporte no mundo, contando com nove jogadores atuando na liga NBA (*National Basketball Association*). Atualmente, o Brasil encontra-se na sexta colocação do rank internacional de seleções na categoria masculino como pode ser evidenciado na tabela abaixo:

Figura 12 – Rank mundial de seleções de basquete masculino






Ranking Men after Olympic Games: Tournament for Men (2016)
(last updated: 21 Aug 2016)

Share this   





[See how it works](#)

WORLD RANK	COUNTRY	ZONE RANK	IOC	CURRENT POINTS	+/- RANK *
1.	 USA	1.	USA	1000.0	0
2.	 Spain	1.	ESP	665.0	0
3.	 Serbia	2.	SRB	553.0	+3
4.	 France	3.	FRA	444.0	+1
5.	 Lithuania	4.	LTU	442.0	-2
6.	 Argentina	2.	ARG	360.0	-2
7.	 Brazil	3.	BRA	323.0	+2
8.	 Turkey	5.	TUR	281.0	0
9.	 Russia	6.	RUS	255.0	-2
10.	 Australia	1.	AUS	234.0	+1

CLIMBERS

- 16.  Nigeria ▲ +9
- 15.  Venezuela ▲ +7
- 3.  Serbia ▲ +3
- 7.  Brazil ▲ +2
- 21.  Tunisia ▲ +2

FALLERS

- 29.  Germany ▼ -9
- 23.  Angola ▼ -8
- 25.  Islamic Republic of Iran ▼ -8
- 13.  Greece ▼ -3

Fonte: FIBA (FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE BASKETBALL, 2016).




Observa-se que o Brasil cresceu duas colocações desde a última avaliação do ranking por tanto, além disso, vale enfatizar que esta tabela é do período pós Jogos Olímpicos de 2016. Além disso, tendo em vista que o número total de afiliados da organização é de cento e setenta países, a classificação

brasileira na sétima colocação em seguida de um melhora na colocação geral, é tida como um avanço do esporte nacional.











Já na seleção feminina o Brasil também encontra-se bem colocado como pode ser evidenciado na tabela a seguir:






Figura 13 – Rank mundial de seleções de basquete feminino





Ranking Women after Olympic Games: Tournament for Women (2016)
(last updated: 20 Aug 2016)

Share this   

[See how it works](#)

WORLD RANK	COUNTRY	ZONE RANK	IOC	CURRENT POINTS	+/- RANK *
1.	 USA	1.	USA	1000.0	0
2.	 Spain	1.	ESP	670.0	+1
3.	 France	2.	FRA	560.0	+1
4.	 Australia	1.	AUS	460.0	-2
5.	 Czech Republic	3.	CZE	356.0	0
6.	 Canada	2.	CAN	340.0	+3
7.	 Turkey	4.	TUR	304.0	+3
8.	 Brazil	3.	BRA	296.0	-1
9.	 Serbia	5.	SRB	276.0	+5
10.	 China	1.	CHN	256.0	-2

CLIMBERS	
17.	 Senegal +7
9.	 Serbia +5
6.	 Canada +3
7.	 Turkey +3
13.	 Japan +3

FALLERS	
38.	 New Zealand -16
27.	 Latvia -10
11.	 Russia -5
23.	 Mali -4

Fonte: FIBA (FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE BASKETBALL, 2016).

Assim como na seleção masculina, a liderança do rank é estadunidense, mas o Brasil encontra-se na oitava colocação nesta situação e assim pode ser avaliada também como uma seleção de bom desempenho e reconhecimento internacional.

Para o desenvolvimento da seleção nacional brasileira e um melhor desempenho de atletas que cada vez mais tornam-se capazes de disputar as principais ligas mundiais de basquete, é fundamental averiguar o desenvolvimento nacional do esporte no Brasil como pode ser observado na passagem a seguir (BRASIL, 2014):

Atualmente, o basquete nacional tem recebido muitos investimentos. Existem dois motivos para o forte aporte do governo federal: a realização dos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro 2016, e a estruturação de uma forte equipe de base com condições de assegurar a renovação da Seleção Brasileira.

Desse modo, em convênio com a Liga Nacional de Basquete (LNB), o Ministério do Esporte desenvolveu um programa de aparelhamento de 19 clubes, em 16 municípios, que disputam o Novo Basquete Brasil (NBB) e a Liga de Desenvolvimento de Basquete (LDB). Por meio desse convênio, foram investidos R\$ 5,4 milhões para a compra de 20 kits, que incluem novos pisos flutuantes desmontáveis, placares e tabelas.

Este convênio e nível de investimentos podem ser avaliados também como uma resposta ao crescimento deste desporto no Brasil, afinal, para tal nível de investimento os resultados devem estar sendo avaliados como positivos em cadeia nacional. Além disso, o desenvolvimento individual do atleta torna-se potencializado a nível de melhorar a competição nacional, aumentar o relacionamento com a população brasileira a fim de aumentar a quantidade de pessoas que acompanham a modalidade e trazer os olhares internacionais para a liga nacional, desta forma o nível nacional e internacional de investimento será transformado em fluxo de caráter mais desenvolvido e promissor.

Algo que torna-se promissor ao desenvolvimento esportivo no Brasil que tange o basquete e os demais esportes nacionais é a Bolsa-Atleta, que visa fomentar o esporte nacional a fim de um melhor desenvolvimento do mesmo. Nas palavras do governo brasileiro (idem, 2014) “Além dos incentivos para compra de materiais, diversos jogadores são contemplados pela Bolsa-Atleta, do Ministério do Esporte. Na listagem de 2013, 116 atletas foram beneficiados pelo programa de patrocínio individual [...].”

Apesar de todos os investimentos feitos pelas ligas, confederações e pelo governo brasileiro, é primordial assimilar a administração das bases brasileiras no esporte, afinal, para que uma sequência de investimentos possa ter efeitos, investir no futuro é a base daquilo que será o amanhã do esporte. Nesta ordem, o governo Brasileiro pronuncia-se afirmando que (idem ibidem, 2014) “A LDB, que revela talentos de jovens de 19 a 22 anos, recebeu, desde 2012, mais de R\$ 4,8 milhões, sendo que já tem financiamento garantido para as edições de 2014/2015 e 2015/2016.”

Sendo assim, observa-se que o basquete no Brasil vem crescendo em nível de investimentos no presente e no futuro buscando única e exclusivamente o desenvolvimento do desporto pautado na qualificação de ginásios, qualificação

esportiva, qualificação individual do atleta e preparação de uma nova geração que seja capaz de futuramente aumentar e qualificar o desempenho da liga nacional e da seleção brasileira em nível de reconhecimento internacional.

4.3 VOLEI

A administração do vôlei é feita internacionalmente pela FIVB (*Fédération Internationale de Volleyball*), instituição na qual é a maior organização internacional esportiva existente no mundo e administra um dos cinco principais esportes internacionais existentes, além disso, também possui atuação organizacional na variação do vôlei de praia. Atualmente, a organização conta com duzentas e vinte membros filiados em todo o mundo, o que faz da organização maior até mesmo que a FIFA, internacionalmente reconhecida pela administração do futebol (FIVB, s.d.).

O vôlei é um dos esportes que mais cresce no Brasil, sendo assim, o esporte acumula impressionantes números de conquistas com a seleção brasileira em torneios internacionais, como afirmado pela CBV (Confederação Brasileira de Voleibol, s.d.):

O voleibol brasileiro acumula quatro títulos olímpicos nas quadras. Em 1992 e 2004, com a seleção masculina nos Jogos de Barcelona e Atenas, respectivamente, e em 2008 e 2012, com a seleção feminina em Pequim e Londres. Nas areias, duas medalhas de ouro foram conquistadas. No feminino, em Atlanta/1996, com Jacqueline/Sandra, e, no masculino, em Atenas/2004, com Ricardo/Emanuel. Além desses títulos, são mais nove medalhas no voleibol de praia, seis de prata e três de bronze. Na quadra, já foram conquistadas outras cinco medalhas – três de prata e duas de bronze.

Estes títulos esportivos demonstram a importância do esporte na sociedade brasileira, a qual acredita piamente nos resultados que este esporte pode trazer ao país. Estes resultados transformaram o vôlei brasileiro em um exemplo de administração de sucesso que (BRASIL, 2016) “No Brasil o Vôlei virou um modelo de sucesso a ser seguido por outros esportes. Emplacando uma geração vencedora atrás da outra [...]”.

A maior vitória em âmbito nacional ao Brasil consiste na apreciação social que é refletida no esporte, ou seja, apesar de ser o Brasil ser reconhecido internacionalmente como país do futebol, o vôlei possui um público que acompanha o esporte maior, ou seja, isto leva ao questionamento da ascensão de outros esportes que podem estar ocupando as arestas futebolistas.

O crescimento do vôlei é tanto que veículos midiáticos esportivos cada vez mais valorizam os resultados extra quadra que o esporte vem obtendo (RESENDE, 2016).

A seleção masculina fez dois amistosos contra Portugal, em comemoração ao ouro e também a despedida do líbero Serginho. O primeiro, na Arena da Baixada, em Curitiba, teve 33.730 ingressos vendidos. O segundo, no Mané Garrincha, em Brasília, teve a venda de mais 39.398 bilhetes.

Sendo assim, os números obtidos pelo vôlei no Brasil estão cada vez mais transformando o esporte em uma máquina de exemplo esportivo, que além de se desenvolver positivamente no Brasil, vem gerando “heróis nacionais” na modalidade, como o então citado Serginho, cujo qual obteve inúmeras vitórias dentro de quadra com a seleção nacional.

Figura 14 – Rank mundial de seleções de vôlei masculino

Rk. Teams	Points	+/- Rk. July 2016	Olympic Games 2016		World League 2016		World Cup 2015		World Championship 2014	
			Rk.	Tot.	Rk.	Tot.	Rk.	Tot.	Rk.	Tot.
1 Brazil	315	0	1	100	2	45	*	80	2	90
2 Poland	268	0	5	50	5	38	3	80	1	100
2 USA	268	3	3	80	5	38	1	100	7	50
4 Italy	256	0	2	90	4	40	2	90	13	36
5 Russia	236	-2	4	70	7	34	4	70	5	62
6 Argentina	168	0	5	50	10	28	5	50	11	40
7 Iran	163	3	5	50	8	32	8	25	6	56
8 Canada	152	4	5	50	13	22	7	30	7	50
9 France	142	2	9	30	3	42	0	0	4	70
10 Serbia	97	-1	cq2	2	1	50	0	0	9	45
11 Germany	91	-4	cq1	3	26	8	0	0	3	80
12 Egypt	74	8	9	30	20	14	10	5	21	25
13 Cuba	72	4	11	20	22	12	0	0	11	40
14 Japan	66	0	wq3	2	24	10	6	40	AS-D2	14
15 Australia	65	-2	wq1	3	12	24	9	5	15	33

Fonte: FIVB (2016, s.n.)

Atualmente, o Brasil encontra-se na primeira colocação de vôlei do mundo de acordo com o rank de 2016 da FIVB, o que demonstra a capacidade brasileira esportiva neste esporte que possui mais de duzentas seleções filiadas como citado anteriormente. Destaca-se, portanto, o papel que a seleção brasileira

desempenhou nos Jogos Olímpicos de 2016, conquistando na ocasião a primeira colocação da disputa. Esta vitória fortaleceu o esporte dentro da sociedade brasileira, que atualmente não encontra no futebol, principal esporte praticado no país, vitórias importantes com esta. Vale ressaltar que esta conquista representou também a ascensão de esportistas consagrados com títulos de “heróis nacionais”, sendo este o caso do líbero Serginho, que possui um extenso currículo de vitórias e conquistas com a seleção brasileira de vôlei.

Figura 15 – Rank mundial de seleções de vôlei feminino

Rk. Teams	Points	+/- Rk. July 2016	Rk. Diff.	Olympic Games 2016		World Grand Prix 2016		World Cup 2015		World Championship 2014	
				Rk.	Tot.	Rk.	Tot.	Rk.	Tot.	Rk.	Tot.
1 China	328	2	▲	1	100	5	38	1	100	2	90
2 USA	305	-1	▼	3	80	2	45	3	80	1	100
3 Serbia	262	3	▲	2	90	7	32	2	90	7	50
4 Brazil	230	-2	▼	5	50	1	50	*	50	3	80
5 Russia	218	-1	▼	5	50	4	40	4	70	5	58
6 Japan	178	-1	▼	5	50	9	28	5	50	7	50
7 Netherlands	148	4	▲	4	70	3	42			13	36
8 Italy	130	0	↔	9	30	8	30			4	70
9 Dominican. Rep.	111	-2	▼	cq1	3	13	20	7	30	5	58
10 Republic of Korea	100	-1	▼	5	50		0	6	40	AS-B3	10
10 Argentina	100	2	▲	9	30	17	15	8	25	17	30
12 Turkey	74	-2	▼	cq1	3	10	26			9	45
13 Germany	69	0	↔	cq2	2	12	22			9	45
14 Thailand	68	0	↔	wq1	3	6	35			17	30
15 Puerto Rico	67	2	▲	11	20	15	17			17	30

Fonte: FIVB (2016, s.n.)

O caso feminino também é positivo, afinal, apesar de ter caído duas posições no rank internacional de seleções da FIVB, a seleção brasileira encontra-se na quarta colocação, o que a coloca entre as cinco maiores potências do esporte. Neste caso, as representantes brasileiras terminaram o Grand Prix em primeiro lugar, o que torna esta uma das vitórias mais valiosas da seleção brasileira. Assim como na seleção masculina, algumas jogadoras do time feminino vêm se destacando na seleção nacional e tornando-se “heroínas brasileiras” neste esporte, este é o caso de Fernanda Garay, Dani Lins e Jaqueline, Fabzinha e Thaísa Menezes

Portanto, o vôlei transformou-se uma máquina de medalhas para o Brasil nas últimas décadas e se destacou com o reconhecimento social que o esporte vêm obtendo, sendo assim, cada vez mais transformando a sociedade brasileira e seus valores agregados internacionalmente, mas que podem entrar em

questionamento devido as vitórias que outros esportes possuem frente ao costumeiro futebol dentro e fora de quadra.

4.4 SURFE

O surfe é um esporte atual no Brasil e que vem se destacando no país de maneira mais abrangente apenas recentemente, mas que vem conquistando internacionalmente vitórias e reconhecimento para as delegações brasileiras no mundo.

A organização internacional esportiva por trás do surfe é a *International Surfing Association* (ISA), instituição que representa o desenvolvimento do esporte no mundo. O primeiro evento internacional voltado ao surfe aconteceu em 1964 na Austrália com o *World Surfing Championship* (Campeonato Mundial de surfe, tradução livre), representando uma vitória ao esporte que pela primeira vez organizava uma competição de caráter internacional veemente (*INTERNATIONAL SURFING ASSOCIATION, s.d.*).

Este tipo de esportes que possuem caráter radical, representam mudanças, assim como afirmado por Pociello (1995 apud BRANDÃO; SÁ, 2009, p. 10-11):

“os esportes radicais” representam uma mudança no registro de práticas culturais normalmente incluídas entre os exercícios físicos de caráter esportivo. Deste Modo, atividades como *surf, bike, snowboard, rapel, rafting, bungee jump, trekking, wakeboard, Wind surf, skate, roller e vôo livre* – os quais figuram como exemplos mais conhecidos e de maior popularidade – trariam não só uma proposta diferenciada de exercícios físicos, mas uma própria mudança no que se convencionou a classificar como “esporte”.

Sendo assim, a prática destes esportes representa uma variação aquilo que é costumeiro no universo dos esportes relacionado as modalidades tidas como padrão, tais quais as discutidas anteriormente (basquete, vôlei, futebol, etc.).











Outra vitória do esporte refere-se a inserção deste no ciclo olímpico, que em 2020 terá o surfe pela primeira vez competindo, além desta modalidade, *skate*, beisebol, caratê e escalada entrarão para o mundo olímpico também e

fomentam a afirmação da citação anterior, que citava esportes radicais como novos caminhos para o esporte do futuro. O esporte do “futuro” é um pensamento que busca atrair a atenção dos jovens para os eventos esportivos internacionais, buscando assim incentivar a participação esportiva internacionalmente, tal como justificado pelo Comitê Olímpico Internacional para explicar a entrada desses esportes nas Olimpíadas (Brasil, 2016).

O COI usou dois critérios para justificar a decisão de incluir as modalidades no programa olímpico: as que são extremamente populares no Japão (beisebol/softbol e caratê) e as que vão atrair atenção dos jovens (surfe, escalada e skate). “O beisebol é o esporte nacional do Japão. O caratê nasceu no país. Já os outros vão inspirar jovens a gostarem do esporte olímpico”, afirmou Yoshiro Mori, membro do comitê executivo dos Jogos de Tóquio.

No que tange o Brasil, a delegação brasileira de surfe ficou conhecida em 2015 como *brazilian storm*, que vem conquistando o cenário internacional com suas vitórias em competições tradicionais de amplitude mundial como a tríplice coroa havaiana, evento que reúne em dezembro três competições no estado norte-americano do Havaí, a primeira na praia de *Haleiwa*, a segunda na praia de *Sunset* e a terceira em *Pipeline*.



















Figura 16 – Rank masculino campeonato internacional de surfe

Rank	+/-	Name	Points	Tour Stop											Earnings
				1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	
1	-	 JOHN JOHN FLORENCE HAW	56,400	5	13	13	1	5	2	2	13	3	1	-	\$389,500
2	-	 GABRIEL MEDINA BRA	45,450	13	13	9	3	1	5	3	13	2	13	-	\$271,250
3	1	 JORDY SMITH ZAF	41,700	25	2	9	13	13	5	9	1	25	3	-	\$256,000
4	-1	 MATT WILKINSON AUS	38,250	1	1	9	25	2	13	13	25	13	25	-	\$321,250
5	-	 KOLOHE ANDINO USA	38,150	2	25	5	25	25	13	5	9	3	3	-	\$183,250
6	-	 JULIAN WILSON AUS	35,600	25	9	2	25	25	3	5	25	5	5	-	\$173,250
7	3	 ADRIANO DE SOUZA BRA	34,100	5	13	13	3	5	9	25	25	9	5	-	\$139,000
8	3	 JOEL PARKINSON AUS	32,200	5	13	3	INJ	INJ	13	9	2	25	9	-	\$156,000
9	-2	 FILIPE TOLEDO BRA	31,900	3	INJ	INJ	9	13	5	25	3	5	13	-	\$125,750
9	-1	 KELLY SLATER USA	31,900	25	13	25	-	3	5	1	5	25	13	-	\$206,000

Fonte: World Surf League (2016, s.n.)

O que demonstra o crescimento do Brasil no surfe é o rank internacional masculino do campeonato mundial da categoria, que conta com três brasileiros entre os dez melhores, sendo estes Filipe Toledo na nona colocação ao lado de Kelly Slater, que é reconhecido internacionalmente como um dos maiores surfistas de todos os tempos, Adriano de Souza, o Mineirinho, que encontra-se na sétima colocação, e por fim, Gabriel Medina, reconhecido como um dos maiores surfistas brasileiros de todos os tempos, que encontra-se na segunda colocação. Atualmente, o havaiano John John Florence encabeça o rank da competição.

Figura 17 - Rank feminino campeonato internacional de surfe

Rank	+/-	Name	Points	Tour Stop										Earnings
				1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
1	-	 TYLER WRIGHT AUS 	67,700	1	5	1	1	13	3	1	2	2	-	\$340,500
2	-	 COURTNEY CONLOGUE USA 	59,400	2	1	2	3	5	5	9	1	3	-	\$253,500
3	-	 CARISSA MOORE HAW 	54,400	3	3	3	3	2	9	5	5	1	-	\$200,000
4	-	 TATIANA WESTON-WEBB HAW 	48,400	5	3	3	5	13	1	9	5	3	-	\$174,000
5	-	 JOHANNE DEFAY FRA 	43,650	3	5	13	5	1	13	5	3	9	-	\$164,750
6	-	 STEPHANIE GILMORE AUS 	42,500	5	5	5	5	9	5	2	INJ	5	-	\$120,000
7	-	 MALIA MANUEL HAW 	38,700	5	9	9	5	9	2	5	5	13	-	\$123,500
8	-	 SALLY FITZGIBBONS AUS 	38,050	13	2	5	2	5	9	13	9	9	-	\$136,000
20	-	 SILVANA LIMA BRA 	1,750	-	-	-	13	-	-	-	-	-	-	\$9,000

Fonte: World Surf League (2016, s.n.)

No caso feminino o Brasil ainda não alcançou as mesmas vitórias que no masculino, sendo assim, as representantes brasileiras não encontram-se entre as primeiras colocações, tendo apenas na vigésima posição a surfista Silvana Lima. Vale ressaltar que entre as oito primeiras colocadas, três são havaianas, três australianas, uma francesa e uma estadunidense. Neste ponto, Tyler Wright da Austrália figura na primeira colocação do rank.

Portanto, observa-se que o surfe candidata-se como um esporte do futuro feito para atrair os jovens ao universo esportivo e manter viva tal prática na sociedade internacional, desta forma, o esporte encontra maneira para renovar-se e adquirir cada vez mais reconhecimento internacional.

4.5 O ESPORTE AVALIADO JUNTO A DIPLOMACIA E A POLÍTICA DOMÉSTICA

Para tratar do esporte na política externa brasileira, o presente trabalho iniciou uma linha de pensamento que trabalhava inicialmente o conceito de *soft power* com este tema para que um alinhamento a política externa internacional fosse criado. Em sequência, analisar o momento atual do país foi primordial para compreender o papel que o esporte vem desempenhando no Brasil, sendo assim, os eventos internacionais sediados no país destacaram-se. Posteriormente, a análise do desenvolvimento do futebol, vôlei, basquete e surfe no Brasil trouxeram a discussão de valores agregados ao país historicamente questionando a validade destes preceitos. Por fim, o trabalho busca compreender a participação do esporte na relação da diplomacia brasileira com a sua política doméstica, buscando compreender as devidas interferências.

Para compreender o entrelaçamento da política externa com a política doméstica no Brasil, deve-se compreender quais fatores podem influenciar neste contato. Desta maneira, Putnam (2010, p. 150) afirma que “o trabalho mais sofisticado sobre os determinantes domésticos da política externa focalizou fatores ‘estruturais’, particularmente a ‘força do Estado’.” Isto fortalece que os pilares da sociedade brasileira irão entrelaçar-se com os valores que sua diplomacia elencará.

Elencando que política externa brasileira será pautada a partir de seus pilares e demandas sociais internas, avaliar que o esporte participará do relacionamento internacional torna-se plausível. Desta maneira a SMEL (SECRETARIA DO ESPORTE E LAZER DE NITERÓI, s.d.) utiliza do esporte como forma de paradiplomacia, assim como citado a seguir:

Fortalecer as relações internacionais, contribuindo com o desenvolvimento do esporte nacional, a inclusão social e a

prevenção do recrutamento de menores por parte dos grupos armados ilegais. Esta é a missão do Projeto Diplomacia Esportiva, iniciativa do Ministério de Relações Exteriores da Colômbia que recebeu o apoio da Secretaria Esporte e Lazer de Niterói (SMEL). Pela Parceria estabelecida, a SMEL promoverá no dia 16, às 14h, na Praia de Icaraí, uma aula de vôlei de praia para doze meninas colombianas praticantes do esporte. Elas estarão em visita ao Rio entre os dias 13 e 15 de abril, com seus respectivos treinadores e acompanhantes. As delegações de diplomacia esportiva são formadas por jovens eleitos com base em seu compromisso acadêmico e liderança esportiva, na expectativa de que seu exemplo e testemunho seja incentivo para que outros jovens se animem a promover a convivência pacífica por meio do esporte.

Este breve comunicado da SMEL, evidencia pontos em que o esporte se liga a outros aspectos das relações internacionais e mais especificamente neste caso da paradiplomacia de ordem Niterói-Colômbia. O primeiro ponto trabalha o esporte como forma de afastar jovens de grupos armados ilegais, trabalhando assim a criação de uma perspectiva de crescimento esportivo que substituirá a ilegalidade e marginalidade do jovem. O segundo pilar que pode ser analisado neste comunicado, é a ligação entre esporte e meio acadêmico, afinal, como explicitado a delegação colombiana que participou do evento tem como desempenho acadêmico uma forma de seleção. Por fim, a paradiplomacia é o último pilar deste comunicado, que aproximou neste momento a iniciativa do Ministério de Relações Exteriores colombiano, da SMEL de Niterói.

O tipo de iniciativa e desenvolvimento esportivo no Brasil tornou-se uma realidade a partir de 2007, afinal, como citado no segundo capítulo o Brasil trouxe uma série de eventos internacionais para serem realizados com um intuito parecido com o da iniciativa da SMEL. O que torna-se curioso é avaliar que o esporte tornou-se uma forma de representar a supremacia de um país frente a outros, mas da mesma forma consegue atuar com a aproximação internacional. Desta maneira, Rodrigues (2015, p. 55) afirma que:

Conforme ficou demonstrado, o desporto tem vasta importância para a formação de uma relação política horizontal no plano internacional. Embora competições desportivas internacionais tornaram-se uma forma branda de afirmar superioridade e poder de um Estado, a evolução de competições internacionais nos últimos séculos também tem fomentado a cooperação social e o diálogo político internacional dos Estados.

Portanto, evidencia-se que no século XXI, o papel do esporte nas relações internacionais liga-se diretamente com o princípio de fomentação de uma política horizontal, o que para um país como o Brasil, que busca na cooperação e aproximação dos povos a abertura de novas portas para o futuro, o esporte é caracterizado como um investimento de aproximação internacional.

Nessa ordem, Vasconcellos (2010, p. 119), afirma que:

[...] o vetor esportivo pode requalificar e robustecer a formação da imagem externa do Brasil. Amplas bases de lançamento, os organismos, também esportivos, mundiais e instrumentos conexos, melhor conhecidos e utilizados, podem proporcionar resultados tangíveis nessa projeção. Conviria, portanto, de início, considerar brevemente o perfil político, a funcionalidade operacional e a utilidade dos referidos órgãos. Depois, competiria apresentar instrumentos, instâncias práticas e ações concretas relacionadas, como, por exemplo, o exercício e o nível de diplomacia parlamentar praticada para captar megaeventos esportivos, os programas de cooperação internacional, de cunho técnico, social e humanitário, dos organismos esportivos, a atuação conjugada de várias agências especializadas das Nações Unidas, temas e iniciativas prioritárias propostas, todos esses cenários e contextos em que poderia caber maior protagonismo do Brasil.

Como trabalhado na citação anterior, o Brasil poderia a partir destas análises de órgãos e entidades esportivas, alcançar um maior e melhor protagonismo, tornando assim, a diplomacia cultural e esportiva nacional mais eficaz. Para tal desenvolvimento, o Brasil não poderia esquecer também, dos cunhos técnico, social e humanitário relacionado a cooperação internacional nestas áreas.

Tendo em vista que os Jogos Olímpicos tornou-se um dos principais e mais bem sucedidos eventos esportivos do Brasil na principal década esportiva no Brasil, Vasconcellos (2010, p. 122), aponta uma preocupação que pode afetar no valor gerado pelo evento, sendo assim:

Em 1999, a Comissão Executiva do Comitê Olímpico Internacional recomendou sanções e expulsões de membros acusados de corrupção no processo de escolha de Salt Lake City, nos Estados Unidos, como sede dos Jogos Olímpicos de Inverno de 2002.

Portanto, nota-se que a corrupção pode estragar o valor gerado pela realização do evento esportivo, tendo em vista que as repercussões geradas trazem um impacto negativo para a sede relacionada. Desta forma, um alerta

para o Brasil surge, afinal, diversos esquemas de corrupção vem sendo descobertos atualmente no Brasil, no que tange a realização dos Jogos Olímpicos de 2016, gerando assim um saldo posterior ao evento negativo. Este saldo, pode resultar no ofuscamento do valor positivo gerado e negatizar as conquistas políticas e diplomáticas que o Brasil angariou esportivamente com a realização do evento.

Considera-se, portanto, que este tipo de demanda interna, somado a forma com a qual membros da política nacional podem ganhar poder internamente, cria uma demanda na política externa do Brasil única. Esta demanda criada tornou o Brasil um dos principais centros esportivos internacionais durante dez anos, que como explicado no segundo capítulo, criou a “Década do Ouro do Esporte no Brasil” entre os anos de 2007 e 2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O esporte aliou-se internacionalmente a diversos momentos que influenciaram diretamente na sociedade internacional desde tempos antigos. Desta forma, compreender a influência do esporte na política externa do Brasil no século XXI remete-se a analisar que o esporte é parte da sociedade internacional e influenciou no desenvolvimento desta através dos séculos.

Como analisado no primeiro capítulo, na Grécia Antiga o esporte relacionou o militarismo, a religião e o culto ao corpo em modalidades disputadas pelas Cidade-Estado da época. Em seguida, na Roma Antiga, o esporte serviu como forma de controle social utilizado a partir da política do “Pão e Circo” romano para controlar a satisfação e o descontentamento das classes mais baixas.

Apesar da influência do esporte na Grécia e Roma Antiga, foi na revolução industrial que o esporte começou a influenciar os Estados modernos e servir como maneira de levar valores do sistema de produção que crescia para as sociedades do mundo. Nesta época, a burguesia inglesa utilizou valores do esporte como a disciplina para influenciar diretamente no proletariado que se formava. Isto influenciou diretamente o mundo, afinal, diversas regiões que são tidas atualmente como Estados independentes eram na época colônias inglesas. Sendo assim, analisar que o esporte passou a sociedade inglesa valores que eram importantes para o controle social pretendido pela burguesia, acarreta em compreender que o Império Ultramarino formado na ocasião por este país também sofreu influência do poder e controle social gerado em sua capital.

Em sequência, foi no século XX que o esporte através da política externa de Hitler começou a ser utilizado como fonte de poder de soft power e propagação do ideal nazista, o que gerou também a sua utilização por outros momentos da história como no embate da Guerra Fria entre o regime capitalista e o socialista. Neste momento, sanções esportivas geraram rompimentos no mundo e maneiras de expor a força que cada bloco continha. Desta forma, boicotes a eventos internacionais e a formação de eventos esportivos por blocos tornaram-se comuns, sendo uma maneira de demonstrar e protestar contra as sanções adversárias.

Na questão brasileira, o esporte tornou-se primordial para o seu nacionalismo a partir da segunda metade do século XX, quando conquistou quatro títulos da Copa do Mundo de futebol e logo na virada do milênio conquistou seu quinto título neste torneio. Desta forma, o futebol surge no novo milênio como um dos movimentos esportivos mais poderosos do país devido a aproximação social com o desporto. Mesmo assim, na virada da década de 2010, o futebol encontrou na ascensão de outros esportes e em seus baixos rendimentos com a camisa nacional uma dificuldade de crescimento. Neste ponto, basquete e vôlei ganham forças na sociedade brasileira e enfraquecem a força que parecia no milênio anterior ancorada no futebol.

Não obstante, o Brasil adotou no século XXI o esporte como forma de aproximar-se de outros povos a partir deste elemento cultural, tendo entre 2007 e 2016 sediado os Jogos Pan-Americanos, os Jogos Olímpicos, a Copa do Mundo de futebol, a Copa das Confederações de futebol, os Jogos Mundiais Militares e os Jogos Mundiais dos Povos Indígenas.

O resultado final avaliado pela pesquisa aponta que o Brasil conseguiu unir os mais variados povos no país e alcançar seus interesses de aproximar-se por meio do esporte e de sediar tais eventos. Contudo, o futebol, que devido aos resultados negativos da seleção brasileira, sofreu uma perda de influência desta modalidade na sociedade nacional, tornou-se um ponto negativo na “Década de Ouro do Esporte no Brasil”, afinal, a relação social acerca de sua seleção de futebol ficou conturbada.

Apesar do breve estudo, os Jogos Universitários Mundiais, que apesar de não estarem neste período de dez anos em que o Brasil encontrou no esporte uma forma de aproximação com diversos povos, este evento que deveria ser realizado em 2019 na cidade de Brasília, acarreta atualmente aspectos negativos em relação ao seu desenrolar. Estes aspectos negativos unem-se aos questionamentos e a não possibilidade de o Brasil sediar o evento, que enfrente represálias e cortes orçamentários, conseqüentemente carrega críticas ao governo federal por este não ser capaz de desenvolver tal evento. Desta maneira, criou-se um impasse na possibilidade de o evento de fato ser realizado em Brasília, que seria a segunda casa no Brasil do evento, que teve uma versão anterior desenvolvida em Porto Alegre.

Esta década era fundamental para política externa brasileira, no que tange a agenda esportiva brasileira, sendo assim, o Brasil buscou transformar-se em uma espécie de centro esportivo no mundo, objetivo que foi conquistado. O ponto negativo destes eventos são os recorrentes escândalos de corrupção que envolvem as entidades organizacionais e que tiram os créditos positivos de tais eventos.

O resultado que o futebol obteve neste período abre um questionamento acerca de uma perda de poder desta modalidade no Brasil, que observa esportes como o basquete, o vôlei e o surfe assumirem espaços que antes o futebol detinha. Estes espaços assumidos pelas três modalidades são consequências dos resultados conquistados que começam a agregar uma legião de fãs em sequência.

O futebol contemporâneo esteve envolvido no Brasil e no mundo com escândalos internacionais de corrupção, fato que acarretam na rejeição social ao esporte devido a estas marcas negativas. Além disso, estes casos de corrupção transformam o trabalho que deveria ser voltado ao esporte em algo questionável, afinal, o esporte perde a ligação positiva social que detinha anteriormente. Além disso, tendo em vista que organizações como a FIFA sofreram desgastes administrativos por tais escândalos, a imagem das marcas atreladas a organização também se afeta, o que pode resultar na busca destas empresas investirem em esportes que não estejam negativados socialmente.

No Brasil evidenciou-se na pesquisa que o esporte criou uma nova demanda não só para a política doméstica do país, mas também para a sua política internacional. Afinal, se na segunda metade do século XX o Futebol era tido isoladamente como o principal esporte do Brasil e pautava quase exclusivamente a sua política externa esportiva, no século XXI o Brasil tem outros esportes como o vôlei, o surfe e o basquete como parte de sua agenda esportiva internacional. Desta forma o intercâmbio de jogadores com outras ligas no mundo cresceu, somados aos títulos internacionais que os três esportes trouxeram.

Distante dos problemas que envolvem o futebol com problemas de corrupção, aceitação social e perda de credibilidade da entidade suprema de sua

administração (FIFA) e da seleção brasileira do esporte que não vêm obtendo resultados positivos como o esperado, esportes como o basquete e o vôlei crescem sua taxa de aceitação social tanto na liga quanto na seleção principal.

O basquete diferencia-se do vôlei por não possuir uma liga nacional de referência mundial, desta forma, isto leva atletas que se destacam no esporte a uma espécie de intercâmbio cultural na liga norte-americana. Já o vôlei, possui na liga brasileira uma referência global da modalidade, tendo em vista que a seleção principal feminina e masculina tem a maioria das suas jogadoras atuando dentro do Brasil e mesmo assim conquistam alguns dos principais números dentre todas as seleções internacionais nesta área.

A nova demanda esportiva no século XXI no Brasil levou o Estado a investir em tais esportes, sendo assim, buscando modernizar suas instalações e ofertar melhores condições para seus desenvolvimentos, os novos investimentos estatais acompanham as demandas internacionais do esporte. Nesta ordem, o desenvolvimento dos jogadores brasileiros proporciona como no caso do basquete e do surfe, um intercâmbio com as principais ligas destas modalidades.

Por fim, esportes como o surfe, que apesar de ainda serem pequenos no mundo, estão crescendo sua aceitação na sociedade internacional, indicando que o esporte está se redefinindo com o tempo e adaptando-se aos novos dilemas esportivos da sociedade internacional.

Nota-se, portanto, que o surfe não figura atualmente entre os principais esportes praticados no mundo, porém, tem conquistado seu desenvolvimento no cenário internacional e na aceitação frente a juventude. Desta maneira, este esporte aliado de seu desenvolvimento e de sua aceitação social, é considerado uma forma de diversificação esportiva e quem sabe futuramente poderá se transformar em um esporte tão grande quanto os demais citados nesta pesquisa.

BIBLIOGRAFIA

AZAMARRAY, Igor Chagas. **Futebol: O esporte como ferramenta política, seu papel diplomático e o prestígio internacional.** 2011. 69 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Econômicas, Relações Internacionais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/40288>>. Acesso em: 23 Mar. 2016.

BRANDÃO, Leonardo; SÁ, Mario. **Esportes radicais: indícios de uma nova sociedade internacional em um mundo globalizado.** 2009. Disponível em: <<http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es1104.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2016.

BRASIL. **1 dia para início dos Jogos Olímpicos do Rio 2016 – Monumentos em verde e amarelo.** 2016. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/component/tags/tag/636-rio2016>>. Acesso em: 6 set. 2016.

BRASIL. **Após 2º lugar nos Jogos Mundiais Militares, Defesa projeta 100 atletas no Rio 2016.** 2015. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/esporte/2015/10/apos-2o-lugar-nos-jogos-mundiais-militares-defesa-projeta-100-atletas-na-rio-2016>>. Acesso em 13 set. 2016.

BRASIL. **Basquete.** 2016. Disponível em: <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/olimpiadas/modalidades/basquete>>. Acesso em: 7 out. 2016.

BRASIL. **Brasil nos JMM.** 2016. Disponível em: <<http://jogosmilitares.defesa.gov.br/brasil-nos-jmm>>. Acesso em: 11 out. 2016.

BRASIL. **Comitê olímpico anuncia cinco novas modalidades para os Jogos de Tóquio.** 2016. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/esporte/2016/08/comite-olimpico-anuncia-cinco-novas-modalidades-para-os-jogos-de-toquio>>. Acesso em: 10 out. 2016.

BRASIL. **Confira os números da delegação brasileira nos Jogos Rio 2016.** 2016. Disponível em: <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/noticias/confira-os-numeros-da-delegacao-brasileira-nos-jogos-rio-2016>>. Acesso em: 13 set. 2016.

BRASIL. **Cooperação esportiva.** 2015. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/cooperacao/3688-cooperacao-esportiva>>. Acesso em: 10 de Mai. 2016.

BRASIL. **Futebol.** 2016. Disponível em: <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/olimpiadas/modalidades/futebol>>. Acesso em: 24 out. 2016.

BRASIL. **Governo busca maneiras de manter a Universíade 2019 em Brasília.** 2015. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/esporte/2015/01/governo-busca-maneiras-de-manter-a-universiade-2019-em-brasilia>>. Acesso em: 13 set. 2016.

BRASIL. **História da Copa das Confederações.** 2016. Disponível em: <<http://www.copa2014.gov.br/pt-br/confederacoes/historia>>. Acesso em: 13 set. 2016.

BRASIL. **Investimentos impulsionam a evolução do basquete nacional.** 2014. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/esporte/2014/06/investimentos-impulsionam-a-evolucao-do-basquete-nacional>>. Acesso em: 7 out. 2016.

BRASIL. **Jogos Mundiais Indígenas: conheça os 16 esportes típicos.** 2015. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/esporte/2015/10/etnias-disputarao-16-modalidades-tipicas-de-tribos-indigenas>>. Acesso em: 13 set. 2016.

BRASIL. **Jogos Mundiais Militares – Rio 2011.** 2014. Disponível em: <<http://www.defesa.gov.br/esporte/projeto-atleta-de-alto-rendimento/jogos-mundiais-militares>>. Acesso em: 13 set. 2016.

BRASIL. **Londres-2012. 2016.** Disponível em: <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/olimpiadas/o-brasil-nos-jogos/londres-2012>>. Acesso em: 10 out. 2016.

BRASIL. **Pequim-2008.** 2016. Disponível em: <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/paraolimpiadas/o-brasil-nos-jogos/pequim-2008>>. Acesso em: 10 out. 2016.

BRASIL. **Retrospecto, torcida e tradição fazem Brasil ser apontado como favorito.** 2014. Disponível em: <<http://www.copa2014.gov.br/pt-br/copa/grupos/grupo-a>>. Acesso em: 11 out. 2016.

BRASIL. **Vôlei.** 2016. Disponível em: <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/olimpiadas/modalidades/volei>>. Acesso em: 10 out. 2016.

BRASIL. **Universíade de 2019 será disputada em Brasília.** 2013. Disponível em: <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/noticias/universiade-de-2019-sera-disputada-em-brasilia>>. Acesso em: 13 set. 2016.

CAMPOS, Anderson Gurgel; SANTOS, Anderson David Gomes dos. **Entrevista - “Quanto mais megaevento, menos esporte”: O Brasil e a “década de ouro” dos megaventos esportivos**. Vol. 18, nº 1, janeiro-abril 2016. [S.l.: s.n.]. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/eptic/article/viewFile/4627/pdf>>. Acesso em: 13 Abr. 2016.

CAMARGO, Felipe Maeda. **Futebol desafiou princípios do governo de Getúlio Vargas**. 2010. Disponível em: <<http://www.usp.br/agen/?p=16989>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASKETBALL. **A fundação da FIBA. 2016**. Disponível em: < <http://www.cbb.com.br/OBasquete/FundacaoFIBA>>. Acesso em: 7 out. 2016.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASKETBALL. **O basquete no Brasil. 2016**. Disponível em: < <http://www.cbb.com.br/OBasquete/BasqueteBrasil>>. Acesso em: 7 de out. 2016.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL. **História**. 2016. Disponível em: <<http://2016.cbv.com.br/cbv/institucional/historia.html>>. Acesso em: 10 out. 2016.

CUKIER, Heni Ozi. **Copa do mundo e a geopolítica**. [S.l.: s.n.], 2014. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/rede-de-blogs/risco-politico-global/2014/06/15/copa-do-mundo-e-a-geopolitica/>>. Acesso em: 20 Mar. 2016.

DAMO, Arlei Sander; OLIVEN, Ruben George. **O Brasil no horizonte dos megaeventos esportivos de 2014 e 2016: sua cara, seus sócios e seus negócios**. Horiz. antropol., Porto Alegre, v. 19, n. 40, p. 19-63, Dec. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832013000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 5 Abr. 2016.

DE OLIVEIRA, Rafael Santos. **O soft power das novas mídias nas Relações Internacionais**. 2014. Disponível em: <<http://www.kas.de/wf/doc/16472-1442-5-30.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2016.

DE ROSE JR., D; SIGOLI, M. A. **A história do uso político do esporte**. R. bras. Ci e Mov. 2004; 12(2): 111-119.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE BASKETBALL. **FIBA world ranking**. 2016. Disponível em: <<http://www.fiba.com/rankingmen>>. Acesso em: 7 out. 2016.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE BASKETBALL. **FIBA world ranking**. 2016. Disponível em: <<http://www.fiba.com/rankingwomen>>. Acesso em: 7 out. 2016.

FIVB. **FIVB Senior World Ranking – Men**. 2016. S.n. Disponível em: <http://www.fivb.org/en/volleyball/VB_Ranking_M_2016-08.asp>. Acesso em: 1 nov. 2016.

FIVB. **FIVB Senior World Ranking – Woman**. 2016. S.n. Disponível em: <http://www.fivb.org/en/volleyball/VB_Ranking_W_2016-08.asp>. Acesso em 1 nov. 2016.

FIVB. **Volleyball history**. S.d. Disponível em: <<http://www.fivb.org/en/volleyball/History.asp>>. Acesso em: 10 out. 2016.

GARCIA, Fernanda Machado. **Esporte como instrumento de soft power: o futebol brasileiro**. 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/158275/Monografia%20da%20Fernanda%20Garcia.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

GORDON, Cesar; HELAL, Ronaldo. **A crise do futebol brasileiro: Perspectivas para o século XXI**. 2002. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/294357_Helal%20e%20Gordon%20-%20A%20crise%20do%20futebol%20brasileiro.pdf>. Acesso em: 5 out. 2016.

GUERALDI, Ronaldo Guimarães. **A Aplicação do Conceito de Poder Brando (soft power) na Política Externa Brasileira**. [S.l.: s.n.]. Associação Nacional de pós-graduação e pesquisa em administração. 2005. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnANPAD/enanpad_2005/APS/2005_APSB2081.pdf>. Acesso em: 7 Abr. 2016.

HUNTINGTON, Samuel P. **O choque de civilizações**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997. 455 p.

KEOHANE, Robert O.; NYE, Joseph S. ***Power and Interdependence: World Politics in Transition***. 1977. Boston: Little, Brown & Co.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves; ALVAREZ, Vera Cíntia; NEVES, Leonardo Paz. **Diplomacia do esporte em pauta**. 2013. Disponível em: <<http://www.cebri.org/portal/noticias/diplomacia-do-esporte-em-pauta>>. Acesso em: 12 Mar. 2016.

MAZZEI, Leandro Carlos, et al. **Política do esporte de alto rendimento no Brasil: Análise da estratégia de investimentos nas confederações olímpicas**. [S.l.: s.n.], 2014. Disponível em: <http://www.fade.up.pt/rpcd/_arquivo/artigos_soltos/2014-2/04.pdf>. Acesso em: 28 Jan. 2016.

MELO, Victor Andrade, et al. **História(s) do Sport : uma estratégia de difusão científica** – 1. ed. – Rio de Janeiro: 7Letras, 2015. Disponível em: <http://img.travessa.com.br/capitulo/7_LETRAS/HISTORIA_S_DO_SPORT_U_MA ESTRATEGIA_DE_DIFUSAO_CIENTIFICA-9788542104042.pdf>. Acesso em: 18 Mar. 2016.

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro. **Jogos Olímpicos de Berlim 1936: O uso do esporte para fins nada esportivos**. 2012. 108 f. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/3283>>. Acesso em: 1 dez. 2016.

NOIS, Nicolas Caballero; CARVALHO, Sérgio. **Palmeiras/Parmalat: Um case de sucesso no desenvolvimento da estratégia marketing no esporte**. [S.l.: s.n.], s.d. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/23302273a2721ba33b7393c7359ffca f.pdf>>. Acesso em: 30 Jan. 2016.

NYE JR. Joseph S. **Soft power**. 1990. Disponível em: <<http://faculty.maxwell.syr.edu/rdenever/PPA-730-27/Nye%201990.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

NYE, Joseph S. **Soft power: The Means to Success in World Politics**. New York: Public Affairs, 2004. Disponível em:

<<https://webfiles.uci.edu/schofer/classes/2010soc2/readings/8%20Nye%20Soft%20Power%20Ch%201.pdf>>. Acesso em: 1 Abr. 2016.

NYE JR. Joseph S. **Think Again: Soft Power**. 2006. Disponível em: <<http://foreignpolicy.com/2006/02/23/think-again-soft-power/>>. Acesso em: 13 ago. 2016.

ONU. 65/4. **Sport as a means to promote education, health, development and peace**. 2010. Disponível em: <http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/65/4>. Acesso em: 13 set. 2016.

ONU. 66/5. **Building a peaceful and better world through sport and the Olympic ideal**. 2011. Disponível em: <http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=%20A/RES/66/5>. Acesso em: 13 set. 2016.

ONU. 67/296. **International Day of Sport for Development and Peace**. 2013. Disponível em: <http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/67/296>. Acesso em 13 set. 2016.

ONU. 68/9. **Building a peaceful and better world through sport and the Olympic ideal**. 2014. Disponível em: <http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/68/9>. Acesso em: 13 set. 2016.

ORGANIZACIÓN DEPORTIVA PANAMERICANA. **Juegos Panamericanos. 2016**. Disponível em: <<http://www.paso-odepa.org/es/juegos-panamericanos>>. Acesso em: 10 out. 2016.

OURÍVEIS, Maria. **Soft power e indústria cultural: a política externa norte-americana presente no cotidiano do indivíduo**. [S.l.: s.n.], 2004. Disponível em: <<http://rari.ufsc.br/files/2013/10/RARI-N%C2%B04-Vol.-II-Artigo-7.pdf>>. Acesso em: 30 Mar. 2016.

PERES, Hugo Freitas. **O debate entre o neorrealismo e o neoliberalismo**. Revista Intersaberes, Curitiba, ano 4, n.7, p. 69-88, jan/jun 2009. Disponível em:

<<http://www.uninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/viewFile/148/119>>. Acesso em: 7 Abr. 2016.

PUTNAM, Robert D. **Diplomacia e política doméstica: a lógica dos jogos de dois níveis**. Rev. Sociol. Polit., Curitiba, v. 18, n. 36, p. 147-174, June 2010 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782010000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 out. 2016.

RANA, Waheeda. **Theory of Complex Interdependence: A Comparative Analysis of Realist and Neoliberal Thoughts**. 2015. Disponível em: <http://ijbssnet.com/journals/Vol_6_No_2_February_2015/33.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2016.

REEVELL, James. **Entenda o escândalo de corrupção na FIFA**. BBC Brasil. 2015. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/05/150527_entenda_fifa_lab>. Acesso em: 5 out. 2016.

RESENDE, Igor. **Vôlei 'invade' estádios, deixa futebol para trás e tem a maior média de público do Brasil**. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/noticia/628310_volei-invade-estadios-deixa-futebol-para-tras-e-tem-a-maior-media-de-publico-do-brasil>. Acesso em: 10 out. 2016.

RIO 2016. **Medalhas olímpicas**. 2016. Disponível em: <<https://www.rio2016.com/quadro-de-medalhas-paises>>. Acesso em: 10 out. 2016.

RIO 2016. **Medalhas paralímpicas**. 2016. Disponível em: <<https://www.rio2016.com/paralimpiadas/quadro-de-medalhas-paises>>. Acesso em: 10 out. 2016.

RODRIGUES, Mariana Ramalho. **O poder internacional da FIFA como um ator não estatal na política internacional**. 2015. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Economia Política Internacional, Relações Internacionais, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2015. Disponível em: <[https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/30120/1/O Poder Institucional da FIFA na Política Internacional.pdf](https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/30120/1/O%20Poder%20Institucional%20da%20FIFA%20na%20Politica%20Internacional.pdf)>. Acesso em: 5 out. 2016.

ROUSSEFF, Dilma. Ministério das Relações Exteriores. Itamaraty. **Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia da União das Américas por ocasião da chegada da Chama Olímpica Rio 2016 em Brasília.** 2016. Brasília. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/discursos-artigos-e-entrevistas/presidente-da-republica-federativa-do-brasil-discursos/13993-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-da-uniao-das-americas-por-ocasio-da-chegada-da-chama-olimpica-rio-2016-em-brasilia-brasilia-03-de-maio-de-2016>>. Acesso em: 15 de mai. 2016.

SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo: uma história institucional da CBF/Coordenação Adelina Maria Novaes Cruz, Carlos Eduardo Sarmiento e Juliana Lage Rodrigues; Texto Carlos Eduardo Sarmiento.** Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. 176 f. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1669.pdf>. Acesso em: 5 out. 2016.

SECRETARIA DO ESPORTE E LAZER (Rio de Janeiro). **SECRETARIA DE ESPORTE E LAZER APOIA PROJETO DIPLOMACIA ESPORTIVA, A CONVITE DA COLÔMBIA: Atletas vizinhos participarão de treinamento de vôlei na Praia de Icaraí.** s.d. Disponível em: <<http://esporte.niteroi.rj.gov.br/releases/ap4%20SMEL%20APOIA%20PROJET%20DIPLOMACIA%20ESPORTIVA.pdf>>. Acesso em: 12 Abr. 2016.

SUPPO, Hugo. **Reflexões sobre o lugar do esporte nas relações internacionais.** Contexto int., Rio de Janeiro, v. 34, n. 2, p. 397-433, Dec. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-85292012000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 Mar. 2016.

TORONTO 2015. **Medal count.** 2016. Disponível em: <<http://results.toronto2015.org/IRS/en/general/medal-count.htm>>. Acesso em: 11 out. 2016.

VASCONCELLOS, Douglas Wanderley de. **Esporte, Poder e Relações Internacionais.** 2. ed. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2010. p. 1-255.

RIBEIRO, Edgard Telles. **Diplomacia cultural: Seu papel na política externa brasileira.** Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011. p. 1-125. Disponível

em: <http://funag.gov.br/loja/download/824-Diplomacia_Cultural_-_Seu_papel_na_Politica_Externa_Brasileira_2011.pdf>. Acesso em: 10 Fev. 2016.

WORLD SURF LEAGUE. **2016 Men's Championship Tour**. 2016. S.n. Disponível em: <<http://www.worldsurfleague.com/athletes/tour/mct?year=2016>>. Acesso em: 1 nov. 2016.

WORLD SURF LEAGUE. **2016 Woman's Championship Tour**. 2016. S. n. Disponível em: <<http://www.worldsurfleague.com/athletes/tour/wct?year=2016>>. Acesso em : 1 nov. 2016.